



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

**RECONFIGURAÇÕES DO JORNAL NACIONAL
NA PANDEMIA DA COVID-19**

CAIO YUITI TATESAWA

Rio de Janeiro
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

**RECONFIGURAÇÕES DO JORNAL NACIONAL
NA PANDEMIA DA COVID-19**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

CAIO YUITI TATESAWA

Orientadora: Professora Dra. Beatriz Becker

Rio de Janeiro

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

TATESAWA, Caio Yuiti

Reconfigurações do Jornal Nacional na pandemia da
Covid-19 / Caio Yuiti Tatesawa. -- Rio de Janeiro, 2021.
47 f.

Orientadora: Beatriz Becker.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo,
2021.

1. Jornalismo. 2. Telejornalismo. 3. Pandemia. 4. Covid-19. I. Becker, Beatriz,
orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Reconfigurações do Jornal Nacional na Pandemia da Covid-19**, elaborada por Caio Yuiti Tatesawa.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 02/07/2021

Comissão Examinadora:

Orientadora: Professora Dra. Beatriz Becker

Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora Dra. Carine Prevedello

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Professora Dra. Cláudia Thomé

Doutora em Ciência da Literatura (Teoria Literária) pela Faculdade de Letras da UFRJ.

Rio de Janeiro

2021



Em 2 de julho de 2021 esteve reunida a Banca Examinadora composta pelo(a)s seguintes professore(a)s examinadore(a)s Carine Felkl Prevedello, Claudia de Albuquerque Thome e por Beatriz Becker, como **professor(a) orientador(a)**, além do(a) **aluno(a)** Caio Yuiti Tatesawa (DRE nº 116016507), do curso de **JORNALISMO**, que apresentou o projeto experimental sobre o tema RECONFIGURAÇÕES DO JORNAL NACIONAL NA PANDEMIA DA COVID-19.

Avaliado o trabalho, a Banca atribuiu grau 9,0 ao Projeto Experimental do aluno(a). Nada mais havendo a observar, fica lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pela Banca e pelo aluno(a).

Rio de Janeiro, 2 de julho de 2021.

Professor Examinador

Cláudia de Albuquerque Thome
Professor Examinador

Professor Orientador

Caio Yuiti Tatesawa
Aluno

Sumário

1. Introdução	6
2. A Reinvenção do Jornal Nacional: da implantação do noticiário no país às reconfigurações decorrentes da Pandemia da Covid-19	12
2.1. Origens do Telejornalismo	12
2.1.2. Os Telejornais nos Governos Militares.....	14
2.1.3. Redemocratização	14
2.1.4. Transições e Novas Configurações	16
2.2. O Jornal Nacional no Enfrentamento ao Coronavírus	17
2.2.1. O Telejornalismo na Pandemia	18
2.2.2. O Combate À Desinformação	19
2.2.3. Reportagens Marcantes do JN na Pandemia	20
3. Uma Análise Televisual do JN Durante a Pandemia	23
3.1. Metodologia	25
3.2. Estudo Quantitativo.....	28
3.2.1. Estrutura Narrativa	29
3.2.2. Temática.....	29
3.2.3. Enunciadores	34
3.2.4. Som e Imagem	36
3.2.5. Edição	37
3.3. Estudo Qualitativo	39
3.4. Interpretação dos Resultados	42
4. Considerações Finais	43
5. Referências Bibliográficas	

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a atuação do Jornal Nacional na cobertura jornalística da pandemia da Covid-19, mais especificamente, entender o que o telejornal brasileiro mostrava sobre a disseminação do coronavírus de fevereiro de 2020 a janeiro de 2021 e quais eram as estratégias da produção deste noticiário televisivo para informar e se adaptar à crise decorrente da aceleração dos números de óbitos e contágio.

A digitalização dos meios impactou as formas de produção, circulação e consumo de informações. A convergência midiática transformou as rotinas produtivas do jornalismo, sobretudo, devido à velocidade de propagação das notícias, aos acelerados processos comunicativos das redes sociais, a necessidade de estabelecer relações mais interativas com as audiências e de readequar modelos de negócio. O grande volume de conteúdo produzido e a velocidade da proliferação de desinformação nas redes sociais se tornou uma das principais pautas do debate público no Brasil e no mundo, sobretudo, com o Brexit e a eleição de Donald Trump, em 2016, e com a eleição de Jair Bolsonaro no Brasil, em 2018, com impactos no campo político, jurídico e acadêmico. As redes sociais viabilizaram o compartilhamento público de informações, notícias e opiniões pessoais, as quais muitas vezes se colocaram e ainda são postadas como verdades irrefutáveis. Assim, o jornalismo passou também a ser desafiado pela polarização ideológica e política. Ou seja, por uma guerra de narrativas, potencializada nas eleições de 2018, que resulta em uma disputa discursiva entre ‘nós’ e ‘eles’.

Nesse cenário, o papel da mediação exercida pelo jornalismo é mais uma vez desafiado, refletindo a polarização política da atualidade no Brasil. De um lado, estão os milhares de seguidores de Jair Bolsonaro, eleito com quase 57,8 milhões de votos (55.1% dos votos válidos). Muitos desses eleitores parecem se informar, primordialmente, pelas mídias sociais, uma vez que foi nesse ambiente digital que Bolsonaro construiu a sua candidatura à Presidência do Brasil nos últimos quatro anos (GOES, 2019).

Após vencer as eleições, o presidente Jair Bolsonaro continuou a se comunicar com o seu público, majoritariamente, via redes sociais. O próprio presidente tem se colocado como vítima da grande mídia e incentiva a desconfiança e boicote aos meios de comunicação tradicionais. No dia 21 de outubro de 2020, por exemplo, ele afirmou em vídeo gravado para seus apoiadores reunidos, na Avenida Paulista, em São Paulo, que a “Folha de S. Paulo é a maior *fakenews* do Brasil”¹. Foi assim que o presidente eleito respondeu à matéria do jornal sobre a compra de pacotes de disparo de mensagens. Por outro lado, conforme explicam Marcia

¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/folha-e-a-maior-fake-news-do-brasil-diz-bolsonaro-a-manifestantes.shtml>. Acesso em 5 de mai de 2021.

Benetti e Silvia Lisboa em *O jornalismo como crença verdadeira*, e Rogério Christofoléri em *A crise do jornalismo tem solução* – usados como referência neste trabalho – as práticas jornalísticas, sustentadas nas premissas da boa apuração, da confiabilidade e da credibilidade das notícias são as diretrizes da profissão, ao contrário do que o presidente afirmou.

Ao realizar uma análise sobre as *fake news* em sua dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRJ (PPGCOM), Francisco Goes apresenta uma abordagem dialética em relação ao impacto das informações falsas no Jornalismo. Segundo Goes (2019), se, por um lado, tais fenômenos vêm contribuindo para um aumento da descrença da população nos discursos midiáticos tradicionais e nos fundamentos que orientam a existência do jornalismo como profissão, por outro, o jornalismo se fortalece devido a confiabilidade na apuração das notícias.

As campanhas de desinformação são capazes de influenciar diretamente a vida e saúde da população, muitas vezes com objetivos políticos mal-intencionados e a distribuição de informações confiáveis valoriza o Jornalismo como forma de conhecimento da realidade cotidiana e contribuiu para práticas democráticas em uma sociedade mais bem informada. Nesse sentido, o jornalismo profissional comprometido com a investigação e difusão dos fatos tem se mostrado extremamente necessário. No combate à desinformação, os jornais continuaram a realizar checagens de vídeos, áudios, fotos populares nas redes sociais. Dessa forma, constantemente, informam à sociedade sobre a veracidade das notícias que circulam sobre a doença. Goes ressalta ainda que “as fake news potencializam o papel social do jornalismo, ainda que os relatos jornalísticos estejam perdendo relevância na construção da verdade dos fatos na atualidade no Brasil e no mundo” (GOES, 2019, p. 5).

Em 2020, a pandemia do novo coronavírus (Covid-19), que afetou todos os setores produtivos da sociedade, intensificou a produção e distribuição de informações falsas na rede. A própria Organização Mundial da Saúde (OMS) afirmou que a pandemia resultou em uma infodemia, neologismo para representar a avalanche de desinformação que circula nas redes e que impõe sérios riscos ao controle da disseminação do coronavírus.

A Covid-19, uma doença causada pelo coronavírus² foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, na China, em dezembro de 2019. A chegada do vírus deflagrou questionamentos relacionados ao modo de vida ocidental e ao sistema capitalista. Populações de todos os continentes tiveram que se submeter à regimes de quarentena e, nos

² São uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo o homem, camelos, gado, gatos e morcegos.

primeiros meses de 2020, observou-se o despreparo da maior parte dos países ocidentais para lidar com um fenômeno de tal magnitude. A partir disso, muito tem se debatido sobre o futuro do planeta e as relações e implicações sistêmicas causadas pela pandemia.

Nesse cenário, o Brasil passou a enfrentar muitas dificuldades devido à grande quantidade de notícias falsas nas redes sociais. Em 25 de fevereiro de 2020 foi registrado o primeiro caso de Covid-19 no país. O relatório *Ciência Contaminada – Analisando o contágio de desinformação sobre coronavírus no Youtube*, realizado pelo Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo (LAUT), vinculado ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT.DD) e ao Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário (Cepedisa) (MACHADO et al., 2020), investigou a circulação da desinformação sobre o coronavírus no Youtube. Os especialistas responsáveis pelo documento fizeram um alerta sobre as graves consequências da desinformação:

O discurso da desinformação, ao minimizar a gravidade da doença ou cogitar medidas contrárias a esses padrões, mas ineficazes para prevenir a doença ou minimizar seus danos, prejudica justamente a capacidade de se obter esse comportamento social eficaz. (ibidem, p.9)

Eles também divulgaram dados bastante impactantes sobre o funcionamento da desinformação nesta plataforma (MACHADO et al, 2020) destacando que conteúdos falsos sobre a Covid-19 foram vistos quase 3 vezes mais que dados reais na rede.

O dano maior da desinformação no campo da saúde advém do fato que as únicas medidas atualmente eficazes no enfrentamento da pandemia de Covid-19 são as intervenções de saúde pública não farmacológicas, cuja eficácia depende da observância de certos padrões de comportamento pela população. (MACHADO et al, 2020, p.9)

Entretanto, a desinformação passou a ser amplificada pelo próprio presidente do país e tornou este cenário ainda mais complicado. Jair Bolsonaro, além de não seguir as recomendações das autoridades globais de saúde, gerando, por exemplo, aglomerações em diversos momentos da pandemia, incentivou – em declarações no Palácio da Alvorada e nas redes sociais – o uso da cloroquina e minimizou os efeitos da doença. No dia 16 de maio, quando a Covid-19 superou a marca de 15.000 mortos no Brasil, Bolsonaro compartilhou no Twitter

um vídeo com o seguinte título: “Uma aula para toda a vida: como conseguir a sonhada imunidade”, do canal do Youtube do médico Belmiro D'Arce³.

Anteriormente, em meados de março de 2020, período que marcou o início da pandemia em solo brasileiro, diversos epidemiologistas e infectologistas recomendaram que as pessoas ficassem em casa e respeitassem o isolamento social. Assim, os estados brasileiros passaram a adotar medidas de prevenção, de acordo com os impactos e o avanço do vírus. Entre março e junho de 2020, muitos municípios chegaram a implementar o chamado *lockdown* – política de restrição drástica para permanecer em casa, geralmente recorrida em momentos específicos de alto risco social, como numa pandemia. Com o passar do tempo, influenciados pelos impactos negativos na economia, alguns municípios flexibilizaram o isolamento. A chegada do vírus tornou a crise política brasileira ainda mais confusa e o país chegou a ficar muitos meses sem ministro da saúde, como destacou o psicanalista Christian Dunker no prefácio da edição brasileira do livro *Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo*, de Slavov Zizek: “Ao contrário de outros países, a epidemia nos atravessa em meio a uma crise econômica e a uma divisão social organizada pela gramática paranoica da produção de inimigos, da autopurificação e do higienismo anticorrupção” (ZIZEK, 2020, p.8).

Durante a realização desta pesquisa não havia evidências científicas sobre remédios ou vacinas para o tratamento e prevenção do coronavírus. O combate da doença passou a depender do cumprimento do isolamento social por parte dos cidadãos. Porém, o aumento dos casos intensificou também a crise econômica de diversos setores, como imprensa, cultura, esporte, educação e a própria saúde.

Nesse contexto, ao informar à população sobre a pandemia e combater a desinformação, o papel social do jornalismo foi fortalecido. Na ausência de dados do próprio Ministério da Saúde sobre o número de pessoas contaminadas e de óbitos em cada estado e no país, a imprensa brasileira organizou um consórcio para apuração desses dados. Em 8 de junho de 2020, O Globo, G1, Extra, Estadão, Folha e Uol divulgaram publicamente a criação do consórcio para coleta de dados juntamente com as secretarias estaduais de saúde sobre o número de casos e mortes.

Este trabalho reflete, entre outras questões, sobre os desafios enfrentados pelos jornalistas na produção de notícias durante a cobertura da COVID-19. Tendo como estudo de caso o trabalho realizado pelo Jornal Nacional (JN), o principal telejornal do país, entre os

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XVjgHgPzUwA>. Acesso em: 15 de janeiro de 2021.

meses de fevereiro de 2020 a janeiro de 2021. Assume-se como hipótese que os jornalistas têm respondido às mudanças drásticas em suas rotinas produtivas durante a pandemia. A maior parte dos jornalistas passou a trabalhar no regime de *home office*, seguindo as recomendações dos órgãos de saúde. Nas emissoras de televisão, os profissionais que tiveram que ir a campo ou ao estúdio têm reforçado o cumprimento das medidas de segurança, distanciamento, uso de luvas e demais equipamentos de proteção pelos jornais. Assim, os jornalistas têm se tornado os principais agentes de disseminação de informações confiáveis para a sociedade. Reinventando, inclusive, os modos de produção de notícias devido ao isolamento social.

Para entregar informações confiáveis e manter ambientes seguros de trabalho, entretanto, as emissoras de televisão realizaram mudanças em suas grades de programação e no telejornalismo, adotando estratégias para ampliação de audiências. Tais alterações acabaram por encerrar ou adiar a produção de diversos conteúdos televisivos. Em todo o mundo, devido ao risco de contágio, programas como telenovelas, reality shows, programas de auditório e esportivos pararam suas gravações e foram substituídos. No Brasil, a partir do dia 13 de março de 2020, canais de televisão passaram a exibir dicas de prevenção ao vírus em plantões especiais com as informações mais recentes da doença.

De acordo com o documento *A Jornada de Consumo de Conteúdo do Brasileiro* (A JORNADA..., 2020), publicado pelo Grupo Globo no início da pandemia, a medida de isolamento social aumentou o consumo de mídia da população tanto por adultos quanto por jovens e crianças. O documento concluiu que 82% dos entrevistados se informam pelo menos uma vez ao dia, e que durante a pandemia os telespectadores passaram 14% mais tempo assistindo à Globo.

Conteúdos de TV por assinatura também foram expandidos para aumento de consumo, mediante a abertura do sinal pelo Grupo Globo que também resultou em crescimento dos índices de audiência. De acordo com o mesmo documento, os acessos aos sites da Globo ainda registraram um crescimento de até 48% na média de páginas vistas por dia. Outras emissoras como SBT, Record, Rede Bandeirantes, RedeTV! também suspenderam temporariamente novas gravações e programas de auditório e elaboraram programas especiais com objetivo de informar os telespectadores sobre o novo coronavírus.

Essas reconfigurações da TV e dos telejornais na contemporaneidade, sobretudo, durante a pandemia do coronavírus, correspondem à temática do segundo capítulo desta monografia. Para entender a atuação dos telejornais na cobertura da Covid-19, é apresentada, primeiramente, uma breve história do telejornalismo brasileiro, da década de 1950, quando a

televisão chegou ao país até a atualidade. Nos últimos 70 anos, novas técnicas de redação, editoriais e projetos gráficos, a maior parte baseadas nas premissas de objetividade e imparcialidade, impulsionaram o crescimento do telejornalismo no país. A televisão aumentou gradativamente seu poder de penetração no país e tornou-se a principal fonte de informação dos acontecimentos para grande parte da população brasileira, conquistando e seduzindo telespectadores. Assim, da implantação do noticiário no país às reconfigurações decorrentes da Pandemia da Covid-19, este capítulo reflete sobre a reinvenção do Jornal Nacional.

No capítulo 3 é apresentada e sistematizada uma Análise Televisual-AT (BECKER, 2012) de edições do telejornal JN e no seguinte os resultados alcançados. O Jornal Nacional é o programa telejornalístico mais antigo da televisão brasileira ainda no ar. Completou seu cinquentenário em setembro de 2019 e continua sendo o telejornal mais assistido do país, o que justifica a seleção deste noticiário como objeto de estudo.

Esta pesquisa é motivada pelo meu percurso acadêmico na Escola de Comunicação da UFRJ e pela minha experiência como estagiário na Rede Globo de Televisão. A oportunidade de ser bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do projeto *A Construção Audiovisual da Realidade: uma historiografia das narrativas jornalísticas em áudio e vídeo*, coordenado pela professora Beatriz Becker, também foi relevante para a escolha da metodologia e do objeto deste estudo, contribuindo para ampliar a minha leitura crítica das reconfigurações do telejornalismo na atualidade e, sobretudo, do Jornal Nacional.

2. A REINVENÇÃO DO JORNAL NACIONAL NA PANDEMIA: da implantação do noticiário no país às reconfigurações decorrentes da Pandemia da Covid-19

Em 2019, o mais antigo programa da TV Globo em exibição, o Jornal Nacional (JN), completou 50 anos. Espelhado nos noticiários norte-americanos, com enfoque nas chamadas *hard news*, o telejornal faz um resumo das notícias em âmbito nacional, geralmente em torno das 20h, horário nobre. Durante toda sua história, “assumiu um papel de conservação das relações de poder e de controle social no agendamento político e cultural do país” (BECKER, 2020, p.208-209), porém, observa-se uma mudança na linha editorial deste telejornal na atualidade (idem). Assim, de modo a contextualizar e dimensionar seu papel e influência na sociedade brasileira contemporânea, apresentamos neste capítulo uma breve história do telejornalismo brasileiro, focalizando o JN, desde que foi lançado em 1969 até as reconfigurações sofridas pelo noticiário em suas rotinas produtivas no enfrentamento da pandemia, o que nos permite refletir sobre a reinvenção do noticiário impactado pela Covid-19.

2.1. ORIGENS DO TELEJORNALISMO

Ao abordar a história dos telejornais, Becker (2016) comenta que as tecnologias sempre introduziram novas dimensões nas práticas produtivas e nas dinâmicas da linguagem – o telefone, o rádio, o cinema, a televisão, ao longo das últimas décadas do século XX, e mais recentemente, a Internet. Em diversos países e em todos os continentes, a televisão foi se constituindo como um meio de informação extremamente influente, mas que muitas vezes trabalhava atendendo a interesses políticos e econômicos. No dia 19 de setembro de 1950, houve a transmissão do primeiro telejornal do país, o *Imagens do Dia*, pela TV Tupi. As imagens eram produzidas com câmeras de cinema e o tempo de duração do noticiário era variável.

Com o passar do tempo, “a indústria nacional começou a se desenvolver para competir com produtos estrangeiros, e, aos poucos, a televisão passou a exercer um papel relevante na construção da história cotidiana do país” (BECKER, 2016, p.32). A TV assume posição importante como fonte de informação, conquistando os telespectadores com imagens em movimento dos acontecimentos e aumentando gradativamente seu poder de penetração no país. O Repórter Esso, telejornal marcante da década de 1950, evidenciava, devido ao seu próprio nome, a subordinação das emissoras aos interesses dos patrocinadores (BECKER, 2016). De acordo com Guilherme Rezende (1999):

Os primeiros telejornais exibidos no Brasil pela TV Tupi privilegiavam a expressão verbal e usavam poucos recursos visuais. O Repórter Esso mudou um pouco essa situação, tornando as matérias ilustradas mais frequentes, graças ao apoio de um anunciante de grande porte e da agência de notícias UPI - United Press International. Mesmo assim, nos anos cinquenta, o noticiário do estúdio predominava "como uma alternativa simples e econômica" (Idem, p. 37).

Na década de 1960, novas técnicas de redação, editoriais e projetos gráficos com maior exploração de imagens – a maior parte baseadas no modelo jornalístico de objetividade e apartidarismo norte-americano – também representaram a influência dos noticiários televisivos no Brasil e impulsionaram o seu crescimento. Um equipamento revolucionou a produção de notícias televisivas naquele momento: o videoteipe. Tal tecnologia substituiu as câmeras de cinema:

“possibilitou a implantação de uma estratégia de programação horizontal – dividida em faixas e horários nos diversos dias da semana” ... “Contribuindo para criação do hábito de assistir TV diariamente e atraindo a atenção dos telespectadores” (BECKER, 2016, p.33).

Em 1962, a TV Excelsior lançou o Jornal de Vanguarda, criado por Fernando Barbosa Lima. Este noticiário foi considerado uma produção inovadora na história do telejornalismo brasileiro, tanto no conteúdo quanto na estética e chegou a ser reconhecido por Marshall McLuhan como o melhor telejornal do mundo (LIMA, PRIOLLI, MACHADO, 1985). Segundo Rezende (1999):

A locução primorosa de Luís Jatobá e Cid Moreira e o visual dinâmico das caricaturas de Appe e dos bonecos falantes de Borjalo se complementavam com a participação de jornalistas na produção e apresentação de notícias e crônicas: Millor Fernandes, João Saldanha, Stanislaw Ponte Preta (REZENDE, 1999, p.37).

O regime ditatorial é instaurado no Brasil e os militares assumem o poder no dia 1 de abril de 1964. O Estado passa a controlar os meios de comunicação e a televisão começa a ser utilizada como instrumento de controle político e ideológico e desempenha um grande papel no governo militar, pois “se na primeira metade da década de 1960 a televisão viveu um período de saudável concorrência, o telejornalismo mais crítico e criativo começou a sofrer os efeitos da instabilidade política, da falta de recursos e das pressões da censura” (BECKER, 2016, p.34). Por esse motivo, em dezembro de 1968, o Jornal de Vanguarda sofre a censura imposta pelo Ato Institucional número cinco (AI-5) e o programa é retirado do ar.

2.1.1. OS TELEJORNALIS NO GOVERNO MILITAR BRASILEIRO

Naquela época, o governo militar já investia no desenvolvimento das telecomunicações, e, ao mesmo tempo exercia forte censura sobre os conteúdos exibidos nas emissoras de televisão e nos demais veículos da imprensa. A estreia do Jornal Nacional, o primeiro programa exibido em rede nacional pela Rede Globo, ocorreu em 1º de setembro de 1969. Segundo texto de retrospectiva apresentado pela página *online* do próprio telejornal:

A equipe de jornalistas do JN conseguiu, em pouco tempo, transformá-lo no mais importante noticiário brasileiro, alcançando altos índices de audiência. (...) Cid Moreira encerrou a primeira edição do programa dizendo: "É o Brasil ao vivo aí na sua casa. Boa noite" (CONFIRA..., 2010)

A equipe do JN e a Rede Globo eram beneficiadas com os expressivos investimentos de modernização dos sistemas de comunicação do país, que resultaram em sua consolidação financeira. Porém, os jornalistas tinham suas liberdades informacionais extremamente restringidas e enviesadas para favorecer e exaltar o regime. Assim, o JN passou a privilegiar a estética visual, sob a influência dos noticiários televisivos norte-americanos, obtendo como resultado um *padrão global* de qualidade (BECKER, 2016), como ficou conhecido nacionalmente. Nesse sentido, Rezende afirma que: "O cuidado com a forma começava na seleção de locutores. Segundo a direção da Globo, os telejornais se beneficiaram muito com "apresentadores competentes e de boa aparência" Cid Moreira era símbolo de isenção e credibilidade no JN." (REZENDE, 1999, p.38).

Nesse período, também houve tentativas e histórias importantes do jornalismo de oposição ao regime militar na TV brasileira, como o programa A Hora da Notícia, da TV Cultura. O telejornal priorizava o depoimento popular e pautas sociais, chocando-se com os interesses políticos dominantes do país. Todavia, este confronto levou não só ao fim do telejornal como ao assassinato do diretor de jornalismo da emissora, Wladimir Herzog, vítima da cruel intolerância política (REZENDE, 1999, p.38).

2.1.2. REDEMOCRATIZAÇÃO

No fim dos anos 1970, durante o governo de João Baptista Figueiredo, o Brasil assistiu a assinatura da anistia política, a legalização dos partidos e o fim da censura oficial. Porém, em relação à imprensa, tal acontecimento evidenciou a autocensura da Rede Globo e a sua vinculação com o governo militar.

A partir da década de 1980, mesmo no processo de redemocratização, o governo brasileiro ainda intervia no formato e no conteúdo das notícias. Segundo Becker, “como no regime militar, o governo da Nova República também utilizou a mídia eletrônica para obter respaldo popular e a Rede Globo continuou servindo ao novo governo” (BECKER, 2016, p.36). Em 1984, depois de anos sem poder votar para presidente, a sociedade civil brasileira iniciou a campanha das "Diretas Já". Apesar do grande movimento, a Globo demorou a exibir o clamor das multidões nas grandes capitais brasileiras. Um claro exemplo do boicote às manifestações foi o comício realizado na Praça da Sé, em São Paulo, transmitido apenas pela TV Cultura. De acordo com Rezende (1999), o Jornal Nacional apresentou o acontecimento como se fizesse parte das comemorações do 430º aniversário de São Paulo e não tivesse motivação política. Contudo, “depois deste dia, as emissoras mudaram de postura e passaram a divulgar o movimento pelo receio de perder audiência e faturamento” (REZENDE, 1999, p.40). Contraditoriamente, Becker (2016) aponta também que, nos anos 1980:

Os noticiários televisivos foram assumindo novos contornos para além da função objetiva de informar, ocupando um lugar estrategicamente construído como defensores dos direitos do público diante da fragilidade de outras instâncias de representação da sociedade civil, amparando e promovendo denúncias populares e prestando serviços a diferentes comunidades, características incorporadas especialmente pelos telejornais locais ao longo das décadas posteriores. As emissoras passaram a investir de maneira expressiva nos noticiários, principalmente para garantir credibilidade, audiência e retornos financeiros que consolidaram os telejornais do horário nobre como programas estratégicos na grade da programação, desde a década de 1980 até hoje (Idem, 2016, p. 37).

Assim, a modernização do telejornalismo acabou legitimando a sua autoridade na representação dos acontecimentos e a sua intervenção no campo político no país. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, os noticiários televisivos se tornaram instrumentos para a modernização do próprio país (BONSANTO DIAS, 2019).

No final desta década, o poder da TV brasileira foi de fato evidenciado nas eleições presidenciais de 1989. Durante a campanha presidencial deste ano, a Rede Globo exibiu uma polêmica montagem do último debate entre Collor e Lula. A edição, considerada prejudicial ao candidato Lula por possuir o objetivo de ajudar Collor, foi exibida pelo Jornal Nacional e foi o estopim de um desentendimento que resultou no afastamento de Armando Nogueira da direção de jornalismo da emissora (REZENDE, 1999, p.42). Becker (2016) também ressalta a influência dos telejornais no governo de Fernando Henrique Cardoso, “especialmente na divulgação de benefícios do Plano Real e da imagem de um país aliado ao Primeiro Mundo e

integrado com o projeto global do desenvolvimento sustentado” (BECKER, 2016, p. 38) e a consolidação da televisão como uma das mais importantes arenas políticas do país.

2.1.3. TRANSIÇÕES E NOVAS CONFIGURAÇÕES

Nos anos seguintes, a televisão e o telejornalismo tiveram que adaptar determinados aspectos de seu funcionamento por conta do crescimento e relevância dos ambientes virtuais e mídias digitais. No que se refere aos posicionamentos políticos, a Rede Globo, em 2013, pressionada pelas manifestações de junho do mesmo ano, se desculpou por seu apoio ao golpe militar, reconhecendo-o como um “erro”, através de um editorial lido no Jornal Nacional. Contudo, Becker (2020) explica que esse fato não gerou uma atuação mais progressista do noticiário em momentos posteriores. O impeachment de Dilma Rousseff foi apagado na cobertura dos Jogos Olímpicos de 2016 (BECKER et al, 2018) e, no dia 26 de abril de 2019, o Jornal Nacional não fez nenhuma menção à primeira entrevista do ex-presidente Lula após a sua prisão. Tal fato foi considerado extremamente marcante e representativo ideologicamente, pois esta foi a primeira vez que a Justiça autorizou veículos de imprensa, no caso a Folha de S. Paulo e o El País, a entrevistarem o ex-presidente depois de muitas batalhas judiciais.

Mas, a relação entre o atual presidente, Jair Bolsonaro, e a Rede Globo, cada vez mais tensionada, tem contribuído para uma mudança do posicionamento político do telejornal. O presidente, seus filhos e seus seguidores estão constantemente proferindo ataques a TV Globo. Em 2019, a hashtag "globolixo" virou uma das mais postadas no Twitter por bolsonaristas, durante a investigação sobre o suposto crime de peculato praticado pelo deputado Flávio Bolsonaro, que ficou conhecido como ‘esquema das rachadinhas’, devido à repartição de verbas de gabinete a parentes e amigos próximos, empregados como funcionários-fantasma na Assembleia Legislativa do Rio (Alerj), em troca de favores ao parlamentar. Jair Bolsonaro, antes e depois das eleições, comunicava-se majoritariamente com o público via redes sociais. E, após sua vitória, optou por se pronunciar primeiramente na Rede Record, sistema de televisão e radiodifusão comandado pelo Bispo Edir Macedo – fundador e líder da Igreja Universal do Reino de Deus.

A respeito das configurações e estratégias comunicativas do Jornal Nacional no atual contexto de desordem informativa, Becker (2020) ressalta a estratégia do telejornal de se aproximar do público e desenvolver uma relação de cumplicidade com as audiências:

Ao completar 50 anos de transmissões diárias, o Jornal Nacional busca se apresentar como uma entidade cuja credibilidade para não ser abalada pelos demais poderes e

instituições, e cresce na valorização de sua própria mediação. O JN atribui a si mesmo o papel de um ator social indispensável destinado a defender os direitos humanos e as práticas democráticas em busca de uma relação de cumplicidade cada vez maior com as audiências. (BECKER, 2020, p. 222)

O JN organiza representações dos acontecimentos com base nos discursos dominantes, mas este telejornal ainda funciona como forma de conhecimento relevante da realidade para parte expressiva da população do país (BECKER, 2020). Assim, entende-se que a forma como esse noticiário organiza e aborda os acontecimentos influencia a percepção da realidade das pessoas. Por outro lado, o Jornal Nacional é uma fonte de conhecimento importante dos principais acontecimentos do Brasil e do mundo, sobretudo, diante das incertezas e informações falsas que circulam nas redes sociais.

2.2. O JORNAL NACIONAL NO ENFRENTAMENTO AO CORONAVÍRUS

No ano de 2020, a pandemia da Covid-19 reforçou algumas das dificuldades que vinham sendo enfrentadas pelo telejornalismo no país. No entanto, devido à necessidade da população de obter informações confiáveis diante da crise sanitária deflagrada no país, a pandemia do coronavírus também reforçou o importante papel social dos telejornais. Este trabalho, realizado entre os meses de fevereiro de 2020 e janeiro de 2021 não tem a pretensão de esgotar a reflexão sobre as atuais estratégias do Jornal Nacional e de outros noticiários durante o enfrentamento da Covid-19, mas busca contribuir com conhecimentos acerca do papel do telejornalismo nesse momento. Afinal, os efeitos da pandemia têm afetado o dia a dia de toda a população mundial e diferentes setores da sociedade. Trata-se de um fenômeno amplo que ainda está em curso.

Para dar conta da prestação de um serviço de informação bem apurada no contexto pandêmico, o jornalismo teve que se reinventar, como outras práticas profissionais. Os telejornais e as emissoras tiveram que adaptar suas redações e produções para cobrir a pandemia e enfrentar o novo vírus e, por isso, os jornalistas têm respondido a mudanças drásticas em suas rotinas produtivas. Em meio às campanhas de desinformação, alterações de programação, mudanças no tratamento da informação e no regime de trabalho, o jornalismo profissionalmente comprometido com a investigação e difusão dos fatos – território simbólico, no qual o JN busca se inserir – se mostra extremamente necessário para que a população obtenha informações confiáveis.

2.2.1. TELEJORNALISMO NA PANDEMIA

No mês de março de 2020, a pandemia já havia gerado diversas restrições de contato que impactaram o modo de produção das notícias e a programação das emissoras. No mundo inteiro, devido ao risco de contágio, programas como telenovelas, reality shows, programas de auditório e esportivos pararam suas gravações e foram substituídos por conteúdos adaptados de programas e capítulos e/ou episódios já gravados e veiculados ou por programas de auditório exibidos sem a presença do público. No Brasil, a partir de 13 de março de 2020, as informações jornalísticas foram privilegiadas nos canais de televisão e as emissoras passaram a exibir dicas de prevenção ao vírus em plantões especiais com informações atualizadas sobre a Covid-19.

A Rede Globo suspendeu temporariamente programas de auditório, esportivos e telenovelas e afastou apresentadores do grupo de risco como Ana Maria Braga e Chico Pinheiro. No dia 17 de março estreou o telejornal *Combate ao Coronavírus*, com o objetivo de divulgar informações sobre a doença, que ficou no ar até dia 22 de maio. Outras emissoras como SBT, Record, Rede Bandeirantes, RedeTV! também suspenderam temporariamente novas gravações e elaboraram programas especiais que informassem sobre o novo coronavírus.

A maior parte dos jornalistas passou a trabalhar no regime de *home office*, seguindo as recomendações dos órgãos de saúde. Nas emissoras de televisões, os profissionais que necessitaram ir a campo ou ao estúdio, precisaram seguir os protocolos das medidas de segurança: distanciamento, uso de máscaras e demais equipamentos de proteção. Nesse cenário, uma pesquisa divulgada pelo Instituto Datafolha no dia 23 de março apontou o jornalismo profissional como referência informativa durante a pandemia:

TVs e jornais lideram, com 61% e 56%, o índice de confiança em informações divulgadas sobre coronavírus, seguidos de programas jornalísticos de rádio e sites de notícias, com 50% e 38%, respectivamente. No entanto, apenas 12% das pessoas dizem confiar no que é compartilhado em aplicativos de mensagem e redes sociais. Para 58% (WhatsApp) e 50% (Facebook) dos entrevistados, o conteúdo não é confiável quando a fonte não é o jornalismo profissional nas plataformas digitais. (O GLOBO, 2020)⁴.

Além disso, de acordo com documento *A Jornada de Consumo de Conteúdo do Brasileiro*, do Grupo GLOBO, o isolamento social fez aumentar o consumo de mídia da população, tanto por adultos quanto por jovens e crianças. De acordo com o mesmo documento,

⁴ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/jornais-tvs-sao-os-mais-confiaveis-na-hora-de-informar-sobre-coronavirus-aponta-datafolha-24322778>. Acesso em: 5 de março de 2021.

os acessos aos sites da Globo ainda registraram um crescimento de até 48% na média de páginas vistas por dia.

No Brasil, as operadoras de telecomunicação e as emissoras de TV já estavam, antes da pandemia, explorando novos negócios em outras plataformas, no caso da Globo, a Globoplay (BECKER, 2016). Tal plataforma oferecia acesso gratuito apenas para alguns trechos de programas. Porém, em março de 2020, a Globoplay passou a disponibilizar conteúdos de graça também na íntegra, podendo ser acessados pelo site ou por celular e tablet. Essa medida de abertura também resultou em um crescimento dos índices de audiência nos primeiros meses da pandemia⁵.

Em relação às medidas de proteção da equipe que produz o Jornal Nacional, William Bonner e Renata Vasconcelos justificavam constantemente as medidas de segurança tomadas nos ambientes de trabalho. Como exemplo, a seguinte fala de Bonner ao apresentar uma matéria em que o repórter se encontrava sem máscara: “Alan Severiano gravou a reportagem sem máscara, pois, assim como a gente, ele está em um ambiente de estúdio controlado” (BONNER, 2020). Assim, o telejornal procura orientar o público para o enfrentamento da pandemia.

2.2.2. COMBATE À DESINFORMAÇÃO

Ao longo de 2020, foram identificadas inúmeras campanhas de desinformação disseminando informações falsas sobre a gravidade do coronavírus e sobre supostos remédios ou curas. Campanhas de desinformação já haviam se mostrado capazes de influenciar, negativamente, a vida e a saúde da população em outros momentos da história do Brasil e do mundo. Contudo, como apontado por Góes (2019) em pesquisa desenvolvida antes da pandemia, a desordem informativa também tem aberto espaço para iniciativas que fortalecem o jornalismo, como antes já mencionado. Um exemplo citado pelo autor é a atividade de checagem:

(...) discutir a credibilidade do jornalismo implica pensar o papel de verificação empreendido, historicamente, pelos jornalistas, o que nos remete ao protagonismo que vêm ganhando os serviços externos às redações encarregados de checar determinadas informações – o chamado *fact-checking* (GÓES, 2019, p.23).

⁵ O que não se manteve ao longo do ano de 2020. De acordo com pesquisa encomendada pelo Portal Uol, para o blog Notícias da TV, a audiência do Jornal Nacional caiu 10% entre março, mês que atingiu 33,9 pontos na Grande São Paulo, e julho de 2020, quando o maior noticiário do país fechou com média de 30 pontos na mesma região.

A partir de entrevistas com alguns jornalistas Goés (2019) sugere que as *fake news* poderiam aumentar a busca por informações verdadeiras, o que levaria a um ganho de credibilidade das organizações jornalísticas. Becker (2016) também argumenta que, “se, por um lado, o jornalismo deixa de ser a única forma de conhecimento da experiência contemporânea, por outro, torna-se uma mediação importante na apuração, checagem e contextualização dos fatos” (BECKER, 2016, p.94).

Para combater a desinformação na pandemia, jornais e emissoras investiram de maneira expressiva em atividades de checagens de vídeos, áudios e fotos populares nas redes sociais. Dessa forma, passaram a informar a sociedade sobre a veracidade das notícias que circulavam e ainda são produzidas sobre a doença, tornando-se assim, os principais agentes de disseminação de informações confiáveis para a sociedade.

O Jornal Nacional também se posicionou em relação ao assunto, alertando a população sobre as consequências da desinformação, como a reportagem exibida no dia 14 de maio de 2020⁶ referente a uma campanha internacional de combate às informações falsas na pandemia. O Jornal apontou os perigos da distribuição destas notícias e mostrou que o próprio presidente Jair Bolsonaro teve postagens retiradas de suas redes sociais por conterem informações falsas sobre o coronavírus.

2.2.3. REPORTAGENS MARCANTES DO JN NA PANDEMIA

Durante as edições do Jornal Nacional veiculadas na pandemia, passam a ser recorrentes as reportagens com famílias que perderam parentes, depoimentos de profissionais da saúde e homenagens aos que morreram por causa da doença⁷. Na edição de 14 de maio de 2020, William Bonner também comunicou que a ilustração do coronavírus que aparecia no telão atrás dos âncoras seria substituída por um painel exibindo fotos dos brasileiros que foram vítimas da Covid-19. Esta atitude do editor-chefe e apresentador do JN foi destacada pelo jornal O DIA:

O jornalista disse que o intuito do principal telejornal da Globo é informar os telespectadores e com isso ajudar o Brasil a frear a pandemia. "A melhor forma de fazer isso é lembrar que estamos falando de vidas, de cidadãos, de pessoas. Por isso, aquela imagem do inimigo número um vai sair do painel. Em todo momento que o 'Jornal Nacional' estiver tratando da pandemia, vão estar lá atrás rostos de brasileiros que ele nos tirou" (G1, 2020)

⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8554917/programa/>. Acesso em: 8 de jul. 2021.

⁷ Cenas disponíveis, por exemplo, nas seguintes edições: <https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/p/819/data/19-06-2020/>; <https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/p/819/data/08-08-2020/>; <https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/p/819/data/07-01-2021/>. Acessados em: 8 de jul. 2021.

Em 2012, a professora e pesquisadora Beatriz Becker já havia observado o aumento da inserção de novos atores sociais na produção de mídia, o que poderia “gerar alterações estéticas e de conteúdo nas práticas jornalísticas, por meio de reportagens mais contextualizadas, críticas e criativas (BECKER, 2012 *apud* BECKER, 2016, p.85). Segundo a autora, a inserção de relatos pessoais também proporcionaria a possibilidade de pessoas se tornarem testemunhas de suas próprias histórias (Idem), o que vem sendo observado no telejornal ao longo desse ano.

Além disso, o JN protagonizou importante reação contra a restrição e a omissão de dados sobre o número de contaminados pela Covid-19 no país pelo governo de Jair Bolsonaro. O Jornal Nacional passou a mostrar dados mais detalhados sobre a pandemia no Brasil e sobre o comportamento do coronavírus do país através da média de mortes a cada sete dias, a chamada média móvel. Os dados para o cálculo da média móvel são apurados pelo consórcio de veículos de comunicação formado por G1, O Globo, Extra, O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo e UOL e criado com o objetivo de coletar e divulgar, com transparência, o total de óbitos e de casos no país em razão das limitações impostas pelo Ministério da Saúde.

Outro acontecimento associado ao presidente Jair Bolsonaro e ao Jornal Nacional, que provocou mais tensionamento na relação entre a emissora e o atual governo, ocorreu em julho de 2020. Ao testar positivo para a Covid-19, Bolsonaro concedeu entrevista a apenas três emissoras de televisão: TV Brasil, pública, Record TV e CNN Brasil. O Jornal Nacional optou por divulgar esta informação apenas em nota, sem imagens do presidente e de suas declarações nessas entrevistas. Na abertura do programa, o âncora William Bonner declarou: “O presidente Jair Bolsonaro confirmou hoje que contraiu o novo coronavírus. Ele fez o anúncio para a TV estatal e outras duas emissoras. Nenhum dos demais órgãos de imprensa foi convidado” (JN, 2020)

Na edição exibida em 7 de agosto, dia em que o Brasil atingiu a marca de 100 mil mortos pelo coronavírus, o Jornal Nacional denunciou a falta de atuação do governo Bolsonaro e de medidas protetivas à saúde da população. Renata Vasconcellos e William Bonner apontaram os erros do presidente em uma apresentação dura e direta. Na abertura do Jornal, William Bonner fez o seguinte pronunciamento:

Todo cidadão brasileiro tem direito à saúde. E todos os governantes brasileiros têm a obrigação de proporcionar aos cidadãos esse direito. As ações dos governantes precisam ter como objetivo diminuir o risco de a população ficar doente e não somos

nós que estamos dizendo isso, é a Constituição Brasileira, que todas as autoridades brasileiras juraram respeitar (JN, 2020)⁸.

No capítulo 3, é realizada uma Análise Televisual de edições exibidas no Jornal Nacional durante a pandemia para compreender e pontuar de maneira mais abrangente as estratégias discursivas adotadas pelo JN no enfrentamento da Covid-19, buscando aprofundar reflexões e conhecimentos sobre a estrutura narrativa do telejornal, as temáticas privilegiadas, as vozes presentes e ausentes e os modos como as reportagens combinam palavras e imagens na produção de sentidos sobre a experiência cotidiana do país sob a pressão da Covid-19. Tal percurso metodológico será explicitado adiante, bem como o corpus da pesquisa, interessada em compreender a cobertura do JN durante a pandemia e sistematizar as principais reconfigurações do telejornalismo na atualidade.

⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/p/819/data/08-08-2020/>. Acessado em: 8 de jul. 2021.

3. UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO JORNAL NACIONAL DURANTE A PANDEMIA

Seguindo a metodologia da Análise Televisual (BECKER, 2012), a presente análise aponta características e aspectos simbólicos de 14 edições do Jornal Nacional (JN) durante a pandemia do novo coronavírus no Brasil. Desde fevereiro de 2020, quando o primeiro caso da doença foi confirmado em solo brasileiro, até janeiro de 2021, mês que marcou a primeira aplicação de vacina, a escolha das edições foi pautada pela relevância das notícias de interesse público.

Um estudo da Lowy Institute, da Austrália⁹ identificou que o Brasil foi o país com a pior gestão da pandemia no mundo, entre quase cem países analisados. Neste contexto, as edições do Jornal Nacional analisadas servem como uma trilha ou uma série trágica da história brasileira ao longo do último ano. A sucessão de equívocos, incongruências e contradições cometidos pelo governo federal é retratada pelo jornal a cada edição, desde a relativização da força do vírus no início da pandemia, passando pela demissão de dois ministros da Saúde em menos de 30 dias até o aumento da tensão entre os três Poderes e demais instituições da República.

A observação aprofundada das edições do JN escolhidas pelo autor possibilita afirmar que a crise político-econômica-sanitária pela qual passa o país foi o tema central do noticiário no último ano, sendo a pandemia do novo coronavírus a pauta satélite para todas as matérias e suítes produzidas pela equipe do jornal. No decorrer das edições analisadas, também foi possível observar que o número de casos e mortes geradas pelo vírus no país foram atualizados diariamente.

Tal aspecto buscou aproximar o telejornal dos espectadores. A repetição de notícias envolvendo óbitos, enterros, crise no sistema de saúde público e privado, crise econômica, crise política apresentou um retrato da realidade atual brasileira. O telejornal gerou impacto ao noticiar a crise e foi por ela impactado, como a própria sociedade brasileira. Os índices mais recentes sobre desemprego, IDH e renda per capita demonstram que a pauperização da vida dos brasileiros é factual e verídica. Neste contexto, o Jornal Nacional buscou estabelecer vínculos

⁹ Estudo original disponível em: <https://interactives.lowyinstitute.org/features/covid-performance/>. Acessado em: 8 de jul. 2021.

com as audiências como fonte confiável de informação, promovendo a cumplicidade e a identificação do público com o telejornal.

A análise das 14 edições estudadas permitiu evidenciar iniciativas da equipe do Jornal Nacional em produzir séries independentes ao longo da programação para aproximar ainda mais das audiências do noticiário. Um das estratégias adotadas foi dar voz aos trabalhadores brasileiros que não puderam fazer isolamento social por desempenhar funções essenciais na sociedade. Exemplos foram as séries ‘Recado Essencial’ e ‘Aqui Dentro’, nas quais profissionais de todas as áreas e profissionais especificamente da área de saúde, respectivamente, relataram como enfrentaram o trabalho cotidiano. Nas edições analisadas apareceram cuidadores, entregadores, porteiros, técnicas em enfermagem e médicos falando, em média, um minuto e meio diante das câmeras.

Ao mesmo tempo, em aceno ao mercado empresarial brasileiro, a série ‘Solidariedade S.A.’ traz as iniciativas voluntárias das empresas nacionais que prestam socorro aos profissionais e instituições de saúde e cidadãos mais atingidos pela crise do coronavírus através de doações de verbas, suporte e materiais diversos.

O movimento de aproximação com o público por parte do jornal, entretanto, não é uma novidade, pois vem sendo feito há algum tempo, conforme descreve Becker no artigo utilizado como base para esta análise, e mencionado acima:

Ao representar discursivamente os acontecimentos, o *Jornal Nacional* ressalta sua solidariedade às vítimas de tragédias e cumplicidade com causas sociais e os direitos humanos. Essas estratégias enunciativas conferem ao telejornal uma atuação como intérprete da realidade cotidiana e porta-voz da sociedade, aqui nomeada de “humanismo solidário”, uma organização discursiva que se sobrepõe, aparentemente, às questões político-partidárias, com o intuito de atribuir ao noticiário papel relevante no fomento de uma sociedade efetivamente democrática. Essa forma de estabelecer vínculos com as audiências do *JN* desperta tanto comoção quanto confiabilidade, valorizando uma mediação do telejornal na vida social, fortemente ancorada na defesa dos direitos humanos, frente à fragilidade e ao comprometimento de outros poderes e instituições. (Ibidem, 2020, p. 7-8)

Apesar dos cortes de verbas de publicidade realizados pelo governo federal, em franca disputa de narrativa com o Grupo Globo¹⁰, o *Jornal Nacional* ainda é o telejornal mais assistido

¹⁰ A matéria publicada pela Folha de São Paulo no dia 12 de agosto de 2020 afirma que “o Tribunal de Contas da União (TCU) concluiu em auditoria que faltam critérios técnicos para a distribuição de verbas publicitárias a TVs abertas pelo governo Jair Bolsonaro” (FABRINI; WIZIACK, 2020). <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/tcu-ve-falta-de-criterio-do-governo-bolsonaro-no-rateio-de-verbas-para-tvs.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2020.

do país. Foi possível observar que o JN procurou, regularmente, destacar um posicionamento contrário ao adotado pelo governo de Jair Messias Bolsonaro (sem partido) na gestão da pandemia. As leituras de editoriais, recorridas em situações extraordinárias, foram realizadas algumas vezes ao longo das edições, para afirmar o antagonismo das Organizações Globo em relação à conduta do governo federal no trato da pandemia e em relação a declarações direcionadas diretamente a este grupo empresarial por parte do presidente da República. Na maioria das vezes, o editorial foi lido pelo próprio editor do *Jornal Nacional* e âncora titular há 25 anos, William Bonner.

3.1. METODOLOGIA

As edições escolhidas para formar o *corpus* desta análise preconizaram os principais fatos ocorridos mês a mês desde o primeiro caso de Covid-19 confirmado em solo brasileiro, a fim de costurar o cenário brasileiro na pandemia através da narrativa produzida pelo JN. Ao longo dos últimos 12 meses, um monitoramento exploratório das redes sociais e de programas televisivos de emissoras abertas e por assinatura contribuiu para identificar a importância e a reverberação das notícias transmitidas nas edições selecionadas. O *corpus* deste estudo foi formado por 14 edições, reunindo matérias que receberam maior destaque por parte da mídia e da sociedade civil de fevereiro de 2020 a janeiro de 2021. Tais edições contemplam quatro variáveis, sistematizadas por Mauro Wolf, que definem o valor notícia¹¹ de um acontecimento: impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional, quantidade de pessoas envolvidas, grau e nível hierárquico dos indivíduos impactados e relevância e repercussão futura do evento ou da ocorrência (WOLF, 1999). Assim, foram selecionadas as seguintes edições:

¹¹ De acordo com Wolf (1999), valor-notícia é um componente de noticiabilidade que define quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícia. Segundo o autor, esses valores funcionam de forma complementar na seleção de acontecimentos e fatos noticiados (WOLF, 1999).

1. Primeiro caso confirmado no Brasil (26/02/20)
2. Primeira morte no Brasil (17/03/20)
3. Anúncio de socorro econômico (18/03/20)
4. Aprovação do auxílio emergencial (01/04/20)
5. Luiz Henrique Mandetta é demitido (16/04/20)
6. Corpos são empilhados na mesma vala comum em Manaus (27/04/20)
7. Nelson Teich pede demissão do Ministério da Saúde (15/05/20)
8. Brasil alcança 1 milhão de novos casos (19/06/20)
9. O presidente testa positivo para Covid-19 (07/07/20)
10. Brasil chega a 100 mil mortes (08/08/20)
11. Fim do auxílio emergencial (29/12/20)
12. Brasil chega a 200 mil mortes (07/01/21)
13. Falta de oxigênio em Manaus (14/01/20)
14. Primeira pessoa no Brasil é vacinada (18/01/20)

É preciso ressaltar que a edição sobre o uso de máscara ser recomendado e até obrigatório em alguns estados e municípios, exibida no dia 7 de maio de 2020, chegou a ser selecionada como fato marcante da pandemia. Porém, devido a problemas técnicos da plataforma Globoplay, utilizada para assistir às edições do Jornal Nacional, não foi possível destrinchar essa edição. As materialidades analisadas nessa pesquisa correspondem, portanto, às 14 edições descritas acima.

Para produzir a análise o autor seguiu a metodologia da Análise Televisual (AT), proposta por Becker (2012), como antes mencionado, por permitir verificar a construção e a oferta de sentidos dos telejornais sobre a experiência social em suas narrativas e de outras obras audiovisuais, viabilizando uma apreensão crítica da cobertura do JN sobre a pandemia da Covid-19. O percurso metodológico da AT é estruturado em três etapas: a contextualização/descrição do produto audiovisual, a Análise Televisual, propriamente dita, composta por um estudo quantitativo e um estudo qualitativo e a interpretação dos resultados.

A primeira etapa deste percurso metodológico, a contextualização do produto audiovisual tomado como objeto de estudo, foi sistematizada no capítulo anterior, contemplando uma historicidade do *Jornal Nacional* e suas reconfigurações e tensionamentos durante a pandemia. No estudo quantitativo da Análise Televisual, são aplicadas seis categorias: *Estrutura narrativa*, *Temática*, *Enunciadores*, *Visualidade*, *Som* e *Edição*.

A categoria Estrutura narrativa diz respeito ao tempo médio de duração de cada edição, o número de blocos em cada edição e o tempo de duração de cada bloco, bem como o tempo de duração dos vídeo-tapes (VT's), das notas do locutor, enunciadas pelo apresentador em vídeo na bancada, de notas cobertas, com voz *off* do apresentador e imagens do acontecimento, e permite verificar os formatos das reportagens. A categoria Temática permite identificar as temáticas específicas das matérias (economia, política, esportes, internacional, saúde, cidadania, tecnologia, educação, meio ambiente e outros), os destaques que receberam e os modos como foram abordados, evidenciando a hierarquização editorial do programa.

A categoria Enunciadores é aplicada para compreender como repórteres e apresentadores conduzem as enunciações do jornal e quais são os atores sociais que participam da narrativa por meio da identificação, do espaço de tempo e do tratamento conferido aos seus depoimentos, tanto de autoridades, personalidades, representantes de instituições ou organizações civis quanto de cidadãos anônimos, observando suas singularidades. Em síntese, a categoria Enunciadores permite saber quem são as vozes do jornal.

A categoria Visualidade contempla as diferentes materialidades e os recursos imagéticos utilizados em uma obra audiovisual. Neste estudo, são observados o caráter dinâmico do novo cenário do JN, inserido no fluxo contínuo e veloz da informação na contemporaneidade, projeções audiovisuais, reconstituições em 3D, artes gráficas, imagens de arquivo, materiais colaborativos, imagens de satélite, imagens de canais oficiais do governo federal, fotos em cores e preto e branco e depoimentos transcritos (BECKER, 2020).

A categoria Som oferece a oportunidade de verificar como o áudio é explorado nas vozes dos profissionais e dos entrevistados e nas vinhetas; se há distorção do áudio para preservar a identidade do entrevistado, seja por razões judiciais, pela pessoa ser vítima de algum crime ou simplesmente não querer revelar a identidade; ou ainda quando o áudio é silenciado em respeito ao luto.

A Categoria Edição viabiliza a compreensão dos modos como cada um dos elementos da linguagem do telejornal foram combinados para produção de sentidos sobre a experiência cotidiana e, sobretudo nesta pesquisa, sobre a Covid-19. Tais categorias da AT aplicadas foram

imprescindíveis para a leitura crítica das narrativas do Jornal Nacional na cobertura da pandemia da Covid-19.

No estudo qualitativo da AT, são utilizados três princípios de enunciação: *Fragmentação*, *Dramatização* e *Definição de Identidades e Valores*. O princípio da Fragmentação permite identificar se e como as matérias são articuladas, discursivamente, além da sequência de suas apresentações, viabilizando ou não um entendimento mais aprofundado e contextualizado de uma notícia. A aplicação do princípio de Dramatização, oferece a possibilidade de verificar a estratégia utilizada pelo telejornal para promover vínculos emocionais com as audiências, evidenciada na trilha sonora, nos efeitos visuais ou até mesmo na entonação dos interlocutores do noticiário televisivo. O princípio da Definição de Identidades e Valores, por sua vez, viabiliza a observação dos modos como o veículo de Comunicação – no caso a Rede Globo – atribui sentidos à realidade, às questões sociais e aos atores que participam da narrativa.

3.2. ESTUDO QUANTITATIVO

Para realizar esta análise o autor assistiu e cronometrou cada trecho das edições selecionadas. O vídeo foi pausado ao fim de cada nota (locutor e coberta), cada fala de entrevistado ou entrevistada e a cada arte utilizada para ilustrar as matérias. Este trabalho rendeu uma análise detalhada do Jornal Nacional, o principal e o mais antigo telejornal do país no ar, no contexto da pandemia do novo coronavírus no país.

Foram anotados o nome de cada entrevistado e o tempo de cada fala, tanto dos enunciadores do programa (apresentadores e repórteres) quanto de convidados (figuras públicas, autoridades, especialistas e cidadãos anônimos). Os países mencionados nas 14 edições analisadas também receberam atenção. Os correspondentes de cada um desses países tiveram seus nomes e cidades de onde falavam registrados, mas o autor julgou que não há necessidade de abordar este detalhe em específico no trabalho. Foram ainda anotadas as funções desempenhadas por cada entrevistado (profissão ou cargo público) e as instituições que alguns deles representam.

No processo de coleta de dados, à medida que os vídeos eram pausados e retomados, o registro de cada informação relevante foi escrito em uma folha de papel, correspondente a um processo de decupagem de cada materialidade estudada. Assim, foi possível registrar quanto tempo durou cada fala, VT, nota locutor, nota coberta, passagem com e sem inserção de artes gráficas, os títulos das notícias e atribuir etiquetas de identificação a cada uma dessas materialidades. Depois disso, a contagem foi feita, manualmente, através de traços em forma de caixinhas. Cada caixa representa cinco numerais. E assim por diante, até concluir a conta e

realizar a soma por categoria. Em seguida são apresentados os resultados da aplicação de cada uma das categorias do estudo quantitativo da Análise Televisual.

3.2.1. ESTRUTURA NARRATIVA

Ao todo, foram 826 minutos de Jornal Nacional analisados, excluindo os comerciais. O tempo médio das 14 edições do noticiário assistidas foi de 59 minutos, reunindo um total de 58 blocos e 4 por edição. O Gráfico 1 abaixo sintetiza esses dados.

Gráfico 1: Tempo de duração das edições e dos blocos analisados



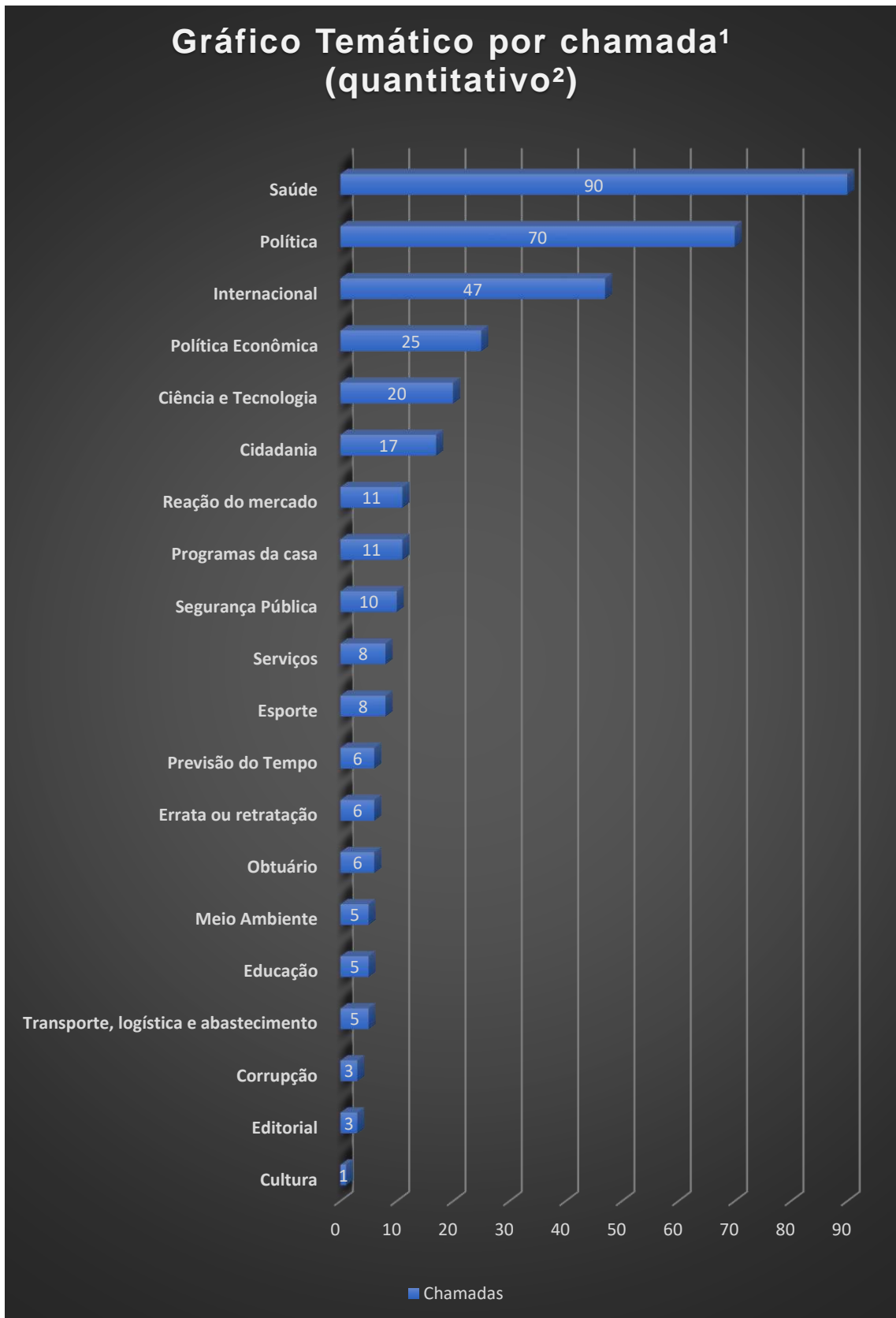
Fonte: autoria própria

3.2.2. TEMÁTICA

Etiquetas temáticas foram criadas pelo autor para discernir o tema abordado em cada uma das matérias. Essa foi uma das partes mais difíceis do processo, pois todas as informações noticiadas e as matérias exibidas pelo telejornal nas edições estudadas estavam relacionadas à disseminação do coronavírus ou se referiam diretamente ou indiretamente à pandemia. Contudo, foi possível verificar 20 temáticas específicas.

O Gráfico 2 abaixo não levou em consideração o tempo destinado a cada uma dessas temáticas, mas a quantidade de vezes que foram referidas e inseridas como notícias ao longo do telejornal. Em alguns casos, como no dia em que o ministro Luiz Henrique Mandetta foi demitido, o JN produziu a maior matéria dentre as edições analisadas neste estudo para noticiar este fato, totalizando 11 minutos (33% do tempo de duração do noticiário).

Esta matéria foi inserida em um bloco de 34 minutos e 25 segundos, dedicado à sua repercussão da demissão do ministro no mundo político e na sociedade civil. Nesta matéria de 11 minutos, duas categorias foram identificadas ao mesmo tempo – Saúde e Política. Mas, somente em matérias extensas com mais de cinco minutos foram observadas mais de uma temática. De modo geral, cada notícia contemplou uma temática.

Gráfico 2: Temáticas abordadas nas 14 edições estudadas

Fonte: autoria própria

A partir do Gráfico 2 observa-se o destaque dado à Saúde e Política. Ambas as temáticas estiveram no centro dos debates durante a pandemia. A Saúde é a área que engloba todas as notícias nacionais ligadas à pandemia, e a Política é a forma pela qual a sociedade civil e governantes brasileiros agem e repercutem questões importantes da agenda pública. Dentre as notícias sobre Saúde, aquelas que tiveram maior recorrência foram as atualizações de números de casos e mortes da Covid-19, as informações em caráter de denúncia do estado de emergência sanitária nos estados, a falta de testes e leitos e matérias relacionadas às recomendações de especialistas.

No âmbito da Política, as notas e matérias relacionadas ao presidente Jair Bolsonaro tiveram expressivo destaque em relação às demais. Aproximadamente metade das matérias relacionadas à política nacional tinham o nome ou alguma ação do presidente vinculada ao texto principal (cabeças). As demissões dos ministros da Saúde Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich também tiveram destaque, bem como as matérias relacionadas ao ex-presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, e aquelas associadas ao Judiciário. Em cinco ocasiões o âncora do JN, William Bonner, leu informações de última hora sobre o mundo político, geralmente relacionadas às declarações, votações no Congresso ou no Senado, ou assinaturas portarias e projetos encaminhados pelo Executivo.

A temática Internacional foi a terceira que mais ganhou atenção. No contexto da pandemia (uma epidemia global), se fez necessário cobrir com mais afinco o que acontece nos demais países. O aumento de matérias vindas do exterior abriu espaço para comparações em relação à realidade vivida no Brasil, do ponto de vista do espectador. O maior exemplo foi o fechamento de fronteiras dos vizinhos latino-americanos, noticiado nas primeiras semanas de pandemia, em abril de 2020, com influência direta na vida dos brasileiros.

Para além disso, as enunciações sobre acontecimentos internacionais contribuíram para acompanhar quais medidas estavam sendo tomadas ao redor do mundo em relação às dificuldades geradas pela disseminação do coronavírus e quais deram certo ou não, bem como as reações da população em relação às medidas restritivas e ao desenvolvimento de vacinas. Não só dos assuntos relacionados à pandemia se ateve a temática Internacional. As eleições norte-americanas e a mega explosão no porto de Beirute, no Líbano, tiveram grande repercussão nos telejornais analisados.

A etiqueta Política Econômica foi criada pelo autor com intuito de condensar as informações veiculadas nos formatos de notas e matérias relacionadas às medidas econômicas adotadas pelo governo brasileiro. A escolha pela expressão política econômica, ao invés do

usual selo ‘Economia’, se justifica por conta do caráter ideológico das decisões do governo em relação à economia no atual governo e do modo como as notícias dessa área foram tratadas pelo JN no enfrentamento da crise econômica do país.

O socorro econômico às empresas e bancos públicos e privados, o projeto original de auxílio emergencial à população de R\$ 200 por três meses e declarações públicas do presidente, que reforçaram as medidas do ministro Paulo Guedes e de sua pasta na condução da Economia, são alguns exemplos dessa ideologia.

Nas demais temáticas, destaca-se Ciência e Tecnologia, que até o fim do ano passado vinha tendo pouco destaque, mas cresceu com o desenvolvimento dos imunizantes contra a Covid-19. Cidadania, por sua vez, é uma tentativa clara do jornal em trazer o que o editorial julga como bons exemplos. Solidariedade, superação, voluntarismo e empatia são valores recorrentemente abordados nessa temática. Exemplos são as três séries que o JN produziu no período observado: ‘Solidariedade S.A.’, ‘Recado Essencial’ e ‘Aqui Dentro’, conforme descritas no capítulo anterior.

Empatadas na sétima posição, Programas da Casa e Reação do Mercado reúnem aspectos relevantes. Enquanto a chamada de programas da casa serve como uma publicidade própria da emissora, por assim dizer, os trechos que dão voz ao mercado financeiro funcionam como um espaço cativo do telejornal aos rentistas e especuladores.

Por fim, Corrupção, Editorial e Cultura merecem observações específicas. Primeiramente, a temática da corrupção traz consigo um lastro poderoso na história nacional recente. Basta lembrar o efeito que a repercussão em torno da Operação Lava Jato e seus desdobramentos gerou no mundo político e empresarial brasileiros. A devassa proporcionada pela força-tarefa de Curitiba, desmascarada pelos conteúdos publicados e reconhecida como operação Vaza Jato pelo The Intercept Brasil, recebeu grande espaço na imprensa brasileira e no Jornal Nacional.

Com o minguar da operação e chegada da pandemia, as notícias relacionadas à corrupção praticamente sumiram das edições analisadas. Casos de corrupção foram pouco lembrados e registrados em apenas 3 notícias com dois minutos e meio de tempo de duração em 14 edições. O único caso que ganhou destaque nos telejornais analisados sobre essa temática foi sobre as denúncias de corrupção envolvendo o senador Flávio Bolsonaro (PSC), filho mais velho do presidente Jair Bolsonaro e o ex-policia militar e amigo da família Bolsonaro, Fabrício Queiroz. No entanto, por escolha do autor, este caso foi enquadrado na etiqueta Política, por razões que serão explicadas adiante.

A temática Editorial foi sinalizada por evidenciar o posicionamento político do Grupo Globo. A maioria dos editoriais foi enunciada pelo editor e apresentador do telejornal, William Bonner. Esse recurso foi utilizado poucas vezes nas 14 edições assistidas na pesquisa. Porém, ao longo das edições do telejornal, diversas formas mais sutis de disseminar o posicionamento da emissora foram aplicadas, por meio da escolha de entrevistados e especialistas, do tempo destinado a cada um deles, da sequência da apresentação das notícias, do tempo destinado a cada uma delas, da apresentação do contexto em que se inseria e a atribuição de valores positivos ou negativos à notícia.

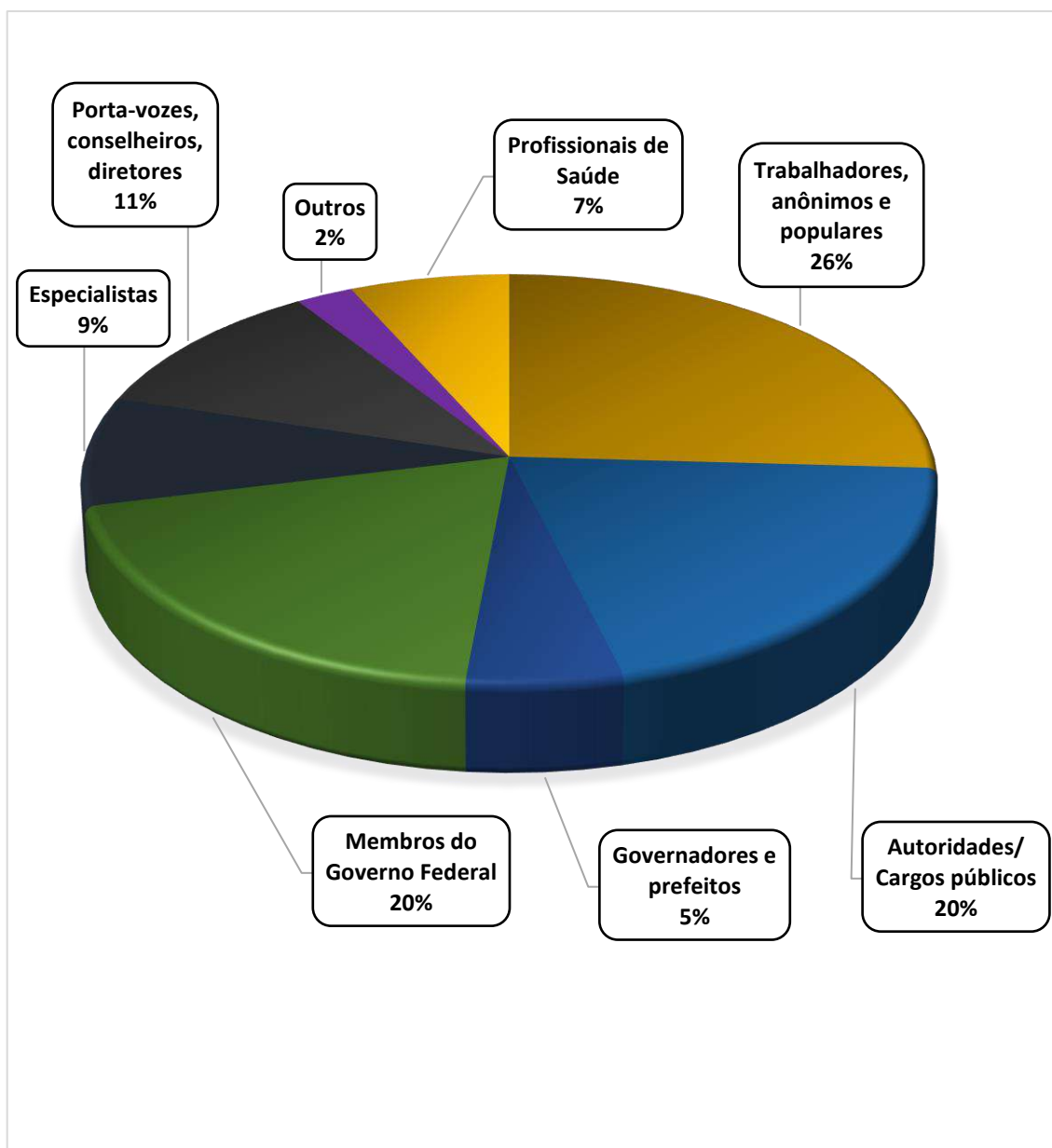
A temática Cultura, na última posição, foi destacada uma única vez nas edições estudadas em reportagens sobre o Carnaval 2020, antes mesmo da pandemia do coronavírus chegar, oficialmente, ao Brasil. De tal modo, a cultura popular brasileira foi contemplada somente na cobertura do Carnaval nas 14 edições analisadas. À época, seis minutos repercutiram a vitória no Rio de Janeiro das escolas de samba Viradouro e da Estácio de Sá na série especial e série A, respectivamente, além da folia em Salvador e Olinda.

Na Temática referente ao esporte, foram reunidas oito notícias, cinco foram sobre futebol, uma sobre os Jogos Olímpicos de Tóquio, uma sobre a Fórmula 1 e uma sobre o caso de polícia envolvendo o ex-jogador Ronaldinho Gaúcho, que foi condenado, juntamente com seu irmão, Assis, a cumprirem pena por serem detidos na fronteira com o Paraguai portando documentos falsos.

3.2.3. ENUNCIADORES

Seguindo a mesma metodologia de produção e coleta de dados, a aplicação da categoria Enunciadores foi aplicada para ilustrar quem são as vozes do JN, além dos apresentadores e repórteres. Os dados apurados são expressos no Gráfico 3.

Gráfico 3: Atores Sociais ou Vozes que participam do JN



Fonte: autoria própria

O Gráfico 3 demonstra a existência de três grupos distintos que constituem com os jornalistas as vozes do jornal. O primeiro, e mais numeroso, é formado por membros do governo federal, governadores, prefeitos, autoridades e cargos públicos (secretários, assessores especiais, presidentes de órgãos públicos). O segundo, é composto por trabalhadores, cidadãos anônimos e depoimentos populares e de profissionais de saúde¹², representando a população. O

¹² Os ‘Profissionais de Saúde’ foram separados da categoria ‘Especialistas’, pois não atuaram nas matérias do mesmo modo que pesquisadores ou representantes de instituições científicas ou de Saúde do Brasil e do exterior, com maior autoridade para comentar, opinar e declarar a respeito de uma crise sanitária, como a que vivemos no

terceiro é formado por especialistas, porta-vozes, conselheiros e diretores de instituições, organizações e empresas.

Conferiu-se condição de vulnerabilidade aos cidadãos anônimos em 45% dos depoimentos ou sonoras, que atuaram como vítima e parentes de vítima e revelaram suas condições precárias de vida e a pauperização do trabalho. Os demais depoimentos populares foram inseridos em matérias com prestação de informações e em homenagens ou celebrações de aniversários.

3.2.4. SOM E IMAGENS

No estudo das 14 edições do *JN*, foram identificados usos de imagens e depoimentos publicadas nas redes sociais ou enviadas por fontes voluntárias, caracterizado como um dos meios do jornalista “preencher um papel de ativista político caracterizado pela defesa de valores como rejeição à corrupção, defesa dos direitos dos cidadãos, igualdade no tratamento e na aplicação das leis” (ABREU, 2003, p. 38). Se o uso de fotografias, vídeos e áudios produzidos por anônimos já vinha sendo aplicado antes da pandemia, com a chegada do coronavírus e a transformação das rotinas de trabalho nas redações, este fenômeno ganhou proporções ainda maiores. Nas 14 edições analisadas neste estudo, vídeos gravados pelo celular foram inseridos na transmissão do telejornal 67 vezes.

A massificação do uso de smartphones abriu uma infinidade de possibilidades na produção, na circulação e no consumo de vídeos. A capilaridade de perspectivas que isso trouxe aos produtores e gestores de conteúdos audiovisuais ampliou as formas de retratar um fato, possibilitando incorporar olhares de diversos locais (MESQUITA; VIZEU, 2020). A quantidade de desmentidos e contraditos, causados por filmagens feitas por outros ângulos ou sonoras gravadas sem o conhecimento dos envolvidos, cresceu muito na era hiperconectada.

Na análise dos telejornais, observamos que essa incorporação de imagens e de sonoras cedidas pela audiência para o telejornal aconteceu em momentos diversos e apontavam, tanto para a lógica de que a audiência é incorporada quando esse agente contribui com a ampliação na área geográfica de cobertura, quando em situações em que o acesso do jornalista pode ser mais restrito, como no caso de entrada nos hospitais, que nesse momento da pandemia foi limitada (MESQUITA; VIZEU, 2020, p. 30)

período em que este estudo foi realizado. Contudo, a vivência dos profissionais de Saúde e seus depoimentos durante a pandemia foram mais significativos do que as enunciações de autoridades, especialistas e representantes de instituições que não estiveram na linha de frente do combate à pandemia, ao longo das edições estudadas.

No entanto, a apropriação de novas tecnologias da informação não contribuiu para a qualidade de imagens e sons, sobretudo, nas transmissões ao vivo ou em entrevistas gravadas via ligações de vídeo, muitas vezes exibidas em cadeia nacional durante o próprio JN. As condições de produção jornalística em tempos de pandemia modificam a estética e a logística próprias do telejornal. O uso das novas tecnologias da informação permite que um jornalista entreviste sua fonte à distância, ou que o próprio telespectador sirva como *filmmaker*, retratando a realidade da região onde ele mora. Porém, a estética do telejornal é adaptada e sofre alterações.

Ao se adequar a este novo momento, o JN flexibilizou seu padrão de qualidade de imagem e renovou o formato do jornal, promovendo novos deslocamentos dos apresentadores da bancada em direção ao telão no estúdio, por meio do qual eles interagem com os repórteres e correspondentes. Contudo, são as vozes dos apresentadores e dos repórteres que ainda conduzem a narrativa do telejornal. As matérias do JN têm em média 3 minutos de duração e somente os momentos que os repórteres aparecem no vídeo, trechos das matérias nomeados de passagens, ocupam 25% dos VTs.

A análise das 14 edições também evidenciou a predominância da utilização de artes visuais acompanhadas de sonoras e de textos gravados em off pelos repórteres que assinam as matérias. A quantidade considerável de números, índices, porcentagens ou normas sanitárias referentes à pandemia referidas nas matérias pelos repórteres foi ilustrada com artes gráficas. Este recurso foi utilizado em aproximadamente 65% das matérias. O silenciamento do som da vinheta do telejornal foi utilizado como recurso para prestar homenagem às vítimas no encerramento de muitas edições.

3.2.5. EDIÇÃO

Diante do exposto, nota-se que a narrativa desenvolvida pela equipe do JN seguiu a linha de cobertura incessante da pandemia no Brasil. Cada detalhe e temas correlatos, ainda que inseridos em diferentes temáticas, estavam inevitavelmente correlacionadas ao vírus e seus efeitos. Os apresentadores, durante as edições analisadas, realizaram comentários carregados de empatia e compaixão com o próximo, dado o contexto de mortes em série. No entanto, conforme comprovam momentos recentes e longínquos da História do Brasil, a direção do JN, como representante direta e ilustre das Organizações Globo, fez uso de sua maciça audiência para colocar em prática os interesses da corporação independente do bem público.

Como exemplos evidentes e irretorquíveis da afirmação acima, estão o apoio e incentivo do telejornal aos golpes de 1964¹³, que resultou no Regime Militar (1964 – 1985), e de 2016, no qual a primeira mulher eleita presidente da República do Brasil foi destituída do cargo por ter, supostamente, cometido o ordinário e recorrente delito conhecido como pedaladas fiscais, no qual o gestor público antecipa os vencimentos da União para equalizar as finanças, e que, no mesmo ano em que o impeachment da presidente aconteceu, 16 governadores de estado haviam feito o mesmo, segundo o ex-desembargador Francisco de Queiroz Bezerra Cavalcanti¹⁴.

Dito isso, é notório que o JN possui capacidade de influenciar sobre a percepção e o entendimento da experiência de realidade social devido a sua enorme audiência. O noticiário ocupou e ainda ocupa um lugar de centralidade no debate público brasileiro, sendo lembrado em diversos meios de informação quando o assunto é política nacional. Há pouco tempo, por exemplo, o JN servia como um porta-voz da Operação Lava-Jato e seus desdobramentos. Quem afirma isso é o vencedor do Prêmio Pulitzer de Jornalismo de 2014, Glenn Greenwald. Em entrevista concedida a Juca Kfoury, no programa Entre Vistas, do canal TVT, Glenn afirmou que o Jornal Nacional funcionou como parceiro do ex-juiz Sérgio Moro e da Polícia Federal de Curitiba durante os anos que precederam o impeachment de Dilma Rouseff:

“Obviamente, a grande mídia estava como uma aliada do Sergio Moro e da Lava Jato nos últimos anos, não só por ideologia, mas também porque o modelo do lucro da mídia brasileira era receber vazamentos da força-tarefa da Lava Jato sem gastar com nenhum recorte, sem fazer investigações” (VICENTINI, 2019)¹⁵.

Há quem trace um paralelo entre a atuação dos veículos de comunicação brasileiros com os veículos italianos durante a Operação Mãos Limpas, ocorrida na Itália durante a década de 1990. A investigação judicial em combate à corrupção, com início em Milão, foi responsável por expedir quase três mil mandados de prisão e fazer ruir diversos partidos políticos da cena política italiana.

No livro *Mãos Limpas e Lava Jato: a corrupção se olha no espelho*, de Rodrigo Chemin, a comparação entre as operações e suas repercussões nos respectivos países é feita de forma

¹³ Do qual a própria emissora inaugurou um site para se retratar pelo posicionamento à época. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2798447/>. Acessado em: 8 de jul. 2021.

¹⁴ Informação disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2016/03/22/se-impeachment-for-por-pedaladas-16-governadores-terao-que-se-afastar.ghtml>. Acessado em 8 de jul. 2021.

¹⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/08/29/glenn-diz-que-jornal-nacional-atuava-como-parceiro-da-lava-jato.htm>. Acesso em: 18 de março de 2021.

contundente, respeitando a peculiaridade de cada país. “É bem verdade que na Itália, com o passar do tempo, parte da mídia mudou de lado e passou a criticar ferozmente a Mãos Limpas, como os veículos de Berlusconi, mas foi a própria imprensa que criou o clima de limpeza ética e moral” (CHEMIN, 2018).

O paralelo entre as operações, e a maneira como a imprensa operou de formas semelhantes, serve para ressaltar como a escolha editorial de narrativas é capaz de influenciar os rumos de uma sociedade. No caso específico do Jornal Nacional durante a pandemia, ficam evidentes algumas escolhas feitas pela direção. A contraposição em relação ao presidente Jair Bolsonaro, por exemplo, é o que norteia diversos aspectos de apresentação, produção e escolha das pautas exibidas no jornal.

3.3. ESTUDO QUALITATIVO

Após as etapas do estudo quantitativo destrinchadas acima é possível, seguindo o percurso metodológico adotado neste estudo, realizar uma análise qualitativa acerca das edições do JN selecionadas e veiculadas durante a pandemia da Covid-19 no Brasil. Entende-se, primeiramente, com base na forma como a equipe do telejornal apresentou as notícias relacionadas à pandemia, que esse tema tomaria não só boa parte do próprio JN, mas também da grade de programação da emissora. Isso permite afirmar que embora os veículos de comunicação prezem o espaço do jornalismo e contemplem diversas temáticas para além do conteúdo jornalístico, a pandemia do novo coronavírus foi e continua sendo um marco, um ponto de cisão ou ainda uma bifurcação nas grades de programação das emissoras de televisão brasileiras.

A Rede Globo, por exemplo, escolhe cobrir e repercutir cada detalhe da pandemia no seu principal telejornal, o JN, tomado como objeto de estudo desta pesquisa. De maneira diferente de suas concorrentes na televisão aberta, que são favorecidas política e economicamente, a emissora carioca teve as verbas de publicidade cortadas e uma trava até hoje uma guerra de narrativas com o governo federal, encarnado na figura de Jair Bolsonaro. Tal contexto de tensões é reforçado pela proximidade do vencimento da concessão da Rede Globo, prevista para 5 de outubro de 2022¹⁶, poucas semanas antes das eleições presidenciais.

¹⁶ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/concessao-da-rede-globo-so-vence-em-2022-bolsonaro-nao-tem-poder-de-tirar-emissora-do-ar/>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

A aplicação do princípio de *Definição de Identidades e Valores* da Análise Televisual (BECKER, 2012) torna possível identificar que o combate à figura do presidente Jair Bolsonaro, sobretudo, nos modos como as notícias são veiculadas no JN, o principal porta-voz da Rede Globo na grade de programação, está também associado à condição desconfortável da emissora ao projetar um desfavorecimento na rodada de concessões diante de uma possível reeleição do atual Executivo Federal. Os valores e a identidade da emissora e do *Jornal Nacional* são também definidos e impactados pelos valores e identidade do seu oponente político na atualidade, o governo Bolsonaro.

O desdém e o negacionismo por parte de todo governo federal no tratamento da pandemia do novo coronavírus, incluindo seus ministérios, muito contribui para a adesão contundente e assertiva do Jornal Nacional ao interesse público de se informar sobre os desdobramentos da pandemia. A editorialização observada do telejornal, representando o posicionamento da Rede Globo, não foi e não é motivada apenas pela transmissão de informações confiáveis sobre a saúde pública que podem salvar vidas no atual contexto político, sanitário e econômico do país.

Ao aplicar o segundo princípio de enunciação da AT, a *Dramatização*, verifica-se que a narrativa do noticiário na cobertura da pandemia busca estabelecer vínculos emocionais com as audiências. Num contexto como o atual, em que a ameaça à vida das pessoas de todo mundo está presente no ar que respiramos, a vulnerabilidade da condição humana é exposta de forma extraordinária. Isso se reflete nas enunciações dos interlocutores do telejornal. Ao longo das edições analisadas pôde-se notar que tanto âncoras quanto repórteres, ao relatarem um novo recorde de mortes no país, mudaram seus tons de vozes. Além desse aspecto mais evidente, presente na entonação do jornal, o telão de com imagens interativas no fundo da redação do JN também foi modificado para se adaptar às notícias de vítimas da Covid-19.

Assim que o país superou a marca de 15 mil mortes, em meados de maio de 2020, o âncora William Bonner anunciou que a imagem do vírus daria lugar aos rostos das vítimas da doença:

"A melhor forma de fazer isso é lembrar que estamos falando de vidas, de cidadãos, de pessoas. Por isso, aquela imagem do inimigo número um vai sair do painel. Em todo momento que o Jornal Nacional estiver tratando da pandemia, vão estar lá atrás rostos de brasileiros que ele nos tirou" (G1, 2020).

O tom solidário dessa e de outras enunciações que trataram de mortes deu lugar a um tom enfático quando o próprio apresentador, falando em nome do Jornal Nacional, contra

argumentou declarações do presidente da República, Jair Bolsonaro. A qualificação dos exemplos acima dentro da categoria *Dramatização* se deve pela excepcionalidade de sentidos que alguns trechos do telejornal reverberam, pois nessas enunciações há uma espécie de clímax, gerado por temas mais tensos e embates diretos carregadas de comoção.

Por fim, a *Fragmentação* é a categoria da AT que contempla a forma como o JN dividiu, priorizou e articulou ou não as matérias que exibiu nas 14 edições analisadas neste estudo. Com base no estudo quantitativo, apresentado no capítulo anterior, é possível afirmar que as matérias exibidas pelo JN que tiveram como destaque a Saúde e a Política no Brasil buscaram contextualizar os acontecimentos relatados em narrativas com maior tempo de duração. Tais matérias foram apresentadas com tempo médio de 8 minutos, geralmente no início do jornal, ou no segundo bloco na volta do primeiro intervalo. Entretanto, considerando a divisão das demais notícias nos blocos do telejornal, foi possível identificar fragmentação na editorialização do JN no período observado.

Com exceção das matérias de destaque no primeiro e no segundo blocos referidas, as reportagens foram veiculadas com um tempo médio de duração de 3 minutos e 30 segundos, intercaladas com notas de locutor (enunciação dos âncoras na bancada sem imagens) de 20 segundos, notas cobertas de 30 segundos (com imagens), o uso de chamadas com 50 segundos e artes gráfica inseridas no texto *off* do repórter para dinamizar e tornar mais compreensíveis as informações.

Essa forma de organização das matérias do noticiário priorizou as notícias sobre a pandemia da Covid-19 e conferiu ritmo ao telejornal, mas não alterou o seu formato e não privilegiou a articulação entre notícias com temáticas distintas nem as suas contextualizações. Entretanto, este estudo também demonstrou que o JN estabelece, hoje, uma relação de maior cumplicidade com os espectadores, incorporando cada vez mais conteúdos amadores e informalizando as enunciações.

Conforme descreve Becker (2020), é possível notar uma mudança da linha editorial e de organização do telejornal, evidenciando proximidade com a defesa de direitos humanos e causas sociais. Foi possível observar também que desde março de 2020, quando a pandemia começou no Brasil, entramos na era dos jornais monotemáticos (EMERIN; PEREIRA; COUTINHO, 2020). A cobertura de guerra do coronavírus transformou a pandemia no único tema possível de ser abordado, pelo menos nos meses analisados neste estudo.

3.4. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

O viés de oposição ao governo evidenciado na análise das 14 edições do telejornal não se mostra suficiente para mudar o posicionamento do telejornal, por exemplo, em relação às diretrizes econômicas imperativas no país desde a redemocratização, no pós-ditadura. O telejornal contesta a narrativa que fomenta liberdades nos hábitos e costumes dos cidadãos em desacordo com os protocolos da Organização Mundial de Saúde (OMS) durante a pandemia e que permeia a ideologia defendida pelo presidente em suas falas, entrevistas e publicações nas redes sociais.

Porém, observou-se uma suavização de dados reais da economia nas enunciações do noticiário. Se as duras críticas recaem sobre a gestão e falas de Bolsonaro, o mesmo não ocorre em relação ao liberalismo econômico adotado pelo governo. Em todas as edições do jornal analisadas neste estudo, há uma chamada com destaque para o presidente. Mas, é notório que há um clima de tensão e embate entre o telejornal de maior repercussão da emissora e o governo Bolsonaro. O Jornal Nacional trava uma disputa declarada com o presidente, buscando não apenas prestar um serviço público de informação confiável.

A linha editorial adotada na cobertura da pandemia da Covid-19 nas edições analisadas repercute entre os maiores acionistas da empresa e atrai mais anunciantes interessados em investir no telejornal e em outros produtos da Rede Globo. Assim, tal posicionamento reflete interesses de alinhamento de uma empresa privada com os investidores, buscando garantir também suas obrigações com o pagamento de seus funcionários.

Contudo, a forte oposição do Jornal Nacional contra o governo Bolsonaro em um cenário de devastação provocado pela ação do coronavírus e agravada pela inépcia da gestão federal, deve também ser reconhecida como um cumprimento do dever que uma empresa deste porte tem de prestar informações confiáveis para a sociedade brasileira sobre a pandemia.

No entanto, a escolha editorial das narrativas do Jornal Nacional deveria sempre preconizar o bem coletivo, não somente no atual contexto sociopolítico, econômico e sanitário que beira a calamidade pública, e ser baseada em critérios de noticiabilidade consonantes com o interesse público. Durante a análise das edições notou-se um esforço do telejornal em trazer especialistas para respaldar as informações e membros da sociedade civil para dar depoimentos que servissem como orientações para a sociedade enfrentar a Covid-19. Que a pandemia cristalice hábitos na imprensa brasileira, especialmente no Jornal Nacional, que permaneçam perenes, ao longo das próximas décadas, independente dos próximos grupos que vierem a ocupar o Executivo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exaustão gerada por um período tão árduo de nossas vidas como o atual não atenua a satisfação de completar a graduação em Jornalismo na Escola de Comunicação da UFRJ. O medo de sair da casa dos pais na região metropolitana de São Paulo perdeu espaço para as experiências que o Rio de Janeiro e as pessoas que conheci aqui me proporcionaram. Entre elas, meus professores, amigos e colegas de profissão, que tanto me ajudaram na construção desta monografia.

Especificamente sobre a Escola de Comunicação, sempre fui incentivado a ter um pensamento crítico, detalhado e refinado sobre as experiências em que nos colocamos. Ter a oportunidade de analisar o principal telejornal do Brasil e um momento tão crítico como esse traz, ao mesmo tempo, uma responsabilidade enorme. Mas, a realização desta pesquisa também proporciona uma satisfação muito grande, sobretudo, nesse momento em que é preciso não só existir, mas resistir em uma universidade pública. O governo federal, que deveria guiar os jovens na direção da democratização do ensino e das oportunidades de emprego, caminha a passos largos no sentido oposto.

Dentre as disciplinas que mais surtiram efeito na minha formação estão a Teoria de Comunicação I, lecionada pela professora Luanda Schramm, cujo vasto conteúdo teórico contribuiu para assimilar arquétipos em que a maioria dos eventos ocorrem e se repetem ao longo da história, e Telejornalismo, da professora Beatriz Becker. Esta disciplina aborda o campo que mais me identifiquei na área da Comunicação e me aproximou da história, das características do sistema de radiodifusão brasileiro, da linguagem da televisão e dos telejornais e, assim, me suscitou a vontade de elaborar uma análise televisual da cobertura do Jornal Nacional da Pandemia da Covid-19, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) tive a experiência de trabalhar dentro da Academia mesmo tendo um viés mais voltado para o mercado de trabalho. Participar de pesquisas acadêmicas é algo gratificante, honroso e que serviu como aprendizado para toda minha vida. Convidado pela professora e orientadora Beatriz Becker para colaborar como PIBIC no desenvolvimento de sua pesquisa “A Construção Audiovisual da Realidade: uma historiografia das narrativas jornalísticas em áudio e vídeo”, pude me aprofundar ainda mais no tema escolhido para a monografia e no estudo crítico sobre as produções audiovisuais. Percebi como tais produções são moldadas pelos interesses de seus realizadores em diferentes contextos históricos e culturais, mas seus sentidos também são construídos em nossas interpretações, como a leitura crítica da cobertura do Jornal Nacional da

Pandemia da Covid-19 apresentada nesta monografia. Sem dúvida alguma, a oportunidade de ser bolsista de Iniciação Científica se mostrou de grande valor para a realização e o aprofundamento dos elementos trazidos neste trabalho, culminando na participação na Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural (JICTAC), uma experiência única para um graduando em reta final de curso, e na finalização desta monografia.

Destaco os aprendizados colhidos neste trabalho desde o período de escolha do tema, passando por todo o processo de apuração, coleta e interpretação de informações, até a conclusão desta pesquisa. O exercício de acompanhar detalhadamente as edições do Jornal Nacional, somado aos conhecimentos absorvidos na Escola de Comunicação e adquiridos nos trabalhos que tive a oportunidade de realizar na área da Comunicação e no campo do jornalismo, me fizeram observar as práticas jornalísticas de outros ângulos. Ao assumir o papel de analista e crítico da própria profissão que desempenho, a minha percepção sobre a produção jornalística se transformou desde a época que eu era apenas um espectador. Compreendi melhor os critérios e o fazer jornalísticos no cotidiano da redação e a pressão e que os profissionais da informação sofrem em um momentos como o da pandemia do novo coronavírus e as suas responsabilidades ao divulgarem informações, especialmente, diante da acelerada disseminação de notícias em múltiplas telas e plataformas.

As informações divulgadas pelo Jornal Nacional são, acima de tudo, um serviço à população brasileira em um contexto tão complicado como o atual, marcado pelo negacionismo do governo federal e por sua frágil gestão da crise gerada pela pandemia. Nada justifica, no entanto, o posicionamento da emissora em outros momentos da história brasileira. Fiz questão de frisar isso pois tive a experiência de trabalhar dentro da emissora e percebi que o interesse público nem sempre é defendido acima dos interesses privados da corporação, ainda que as diretrizes do jornalismo sejam respeitadas na maioria das vezes que a emissora emite uma informação.

Quanto aos resultados da pesquisa, concluo que a hipótese inicial, de que o trabalho desempenhado pelo JN teria o foco em cobrir e divulgar temas caros à população brasileira no combate ao coronavírus, se confirmou. A ampla cobertura, representada pelas 14 edições escolhidas para análise, serviu como um marco na história do telejornalismo brasileiro e um exemplo a ser seguido a partir de agora. A relevante participação de professores, cientistas, profissionais de saúde e cidadãos como enunciadores representa uma mudança no modo de fazer jornalismo. A adoção de vozes e perspectivas diversas na abordagem dos fatos é tão importante para assegurar a qualidade e a credibilidade dos telejornais quanto os depoimentos

de políticos, representantes dos governos municipal, estadual e federal, pois o jornalismo deve fiscalizar o poder público e prestar um serviço de informações confiáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A JORNADA DE CONSUMO DE CONTEÚDO DO BRASILEIRO. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 abr. 2020. Disponível em: <https://gente.globo.com/a-jornada-de-consumo-de-conteudo-do-brasileiro/>. Acesso em: 24 fev. 2021.

ABREU, Alzira Alves de. **Jornalismo Cidadão**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 31, 2003, p. 38.

BECKER B. **Mídia, Telejornalismo e Educação**. Matrizes: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo: ECA/USP, v. 10, n. 1, p. 149-164, 2016b. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v10i1p149-164>. Acesso em: 10 ago. 2020

BECKER, B. **Jornal Nacional: estratégias e desafios no seu cinquentenário**. ALCEU (ONLINE), v. 20, p. 206-225, 2020.

BECKER, B. **Mídia e jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas**. Matrizes (USP. Impresso), v. 2, p. 231-250, 2012.

BECKER, B. **Televisão e Telejornalismo: Transições**. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016. v. 1. 252p.

BOLSONARO EXCLUI GLOBO DE ANÚNCIO E JORNAL NACIONAL REAGE. **Veja SP**, 8 jul. 2020. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/jornal-nacional-anuncio-covid-bolsonaro/>. Acesso em: 3 set. 2020

CAMAROTTO, Murillo; MARCHESINI, Lucas. Se impeachment for por pedaladas, 16 governadores terão que se afastar. **Valor Econômico**. Brasília, 22 de mar. 2016. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2016/03/22/se-impeachment-for-por-pedaladas-16-governadores-terao-que-se-afastar.ghtml>. Acessado em: 8 de jul. 2021.

CHRISTOFOLETTI, R. **A crise do jornalismo tem solução?** 1. ed. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019. v. 1. 104p.

CONFIRA A HISTÓRIA DO JN: EM 1º DE SETEMBRO DE 1969 FOI AO AR A PRIMEIRA EDIÇÃO DO JORNAL NACIONAL. **G1**, [S. l.], 12 abr. 2010. Jornal Nacional, p. 1. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/04/confira-historia-do-jn.html>. Acesso em: 4 set. 2020

DIAS, A. B. **Da modernização à autoridade: a grande imprensa brasileira, entre a ditadura e a democracia** – Folha de S. Paulo e O Globo, 1964-2014. OPINIÃO PÚBLICA, v. 25, p. 472-494, 2019

DUNKER, Christian. Prefácio à edição brasileira. In: ZIZEK, Slavoj. **Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo**. 1. ed. [S. l.]: Boitempo, 2020. p. 7-18.

EMERIN, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (org.). **A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020. (Coleção Jornalismo Audiovisual, v.10).

FABRINI, Fábio; WIZIACK, Julio. TCU vê falta de critério do governo Bolsonaro no rateio de verbas para TVs. **Folha de São Paulo**. Brasília, 11 de ago. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/tcu-ve-falta-de-criterio-do-governo-bolsonaro-no-rateio-de-verbos-para-tvs.shtml>. Acessado em: 8 de jul. 2021.

FOGAÇA, André. **Globoplay libera acesso grátis a mais séries durante pandemia**. Tecnoblog, [S. l.], p. 1, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/334985/globoplay-libera-acesso-gratis-a-mais-series-durante-pandemia/>. Acesso em: 7 jul. 2020.

GOES, Francisco Moratório de Araújo. **Fake News e Pós-verdade: o olhar dos jornalistas**. Orientador: Profa. Dra. Beatriz Becker. 2019. 296 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.

GULLINO, Daniel. **Bolsonaro compartilha em rede social defesa do uso da hidroxicloroquina para tratar Coronavirus**. O GLOBO, [S. l.], p. 1, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-compartilha-em-rede-social-defesa-do-uso-da-hidroxicloroquina-para-tratar-coronavirus-24356364>. Acesso em: 8 ago. 2020.

JORNAIS E TVS SÃO OS MAIS CONFIÁVEIS NA HORA DE INFORMAR SOBRE CORONAVÍRUS, APONTA DATAFOLHA. **O GLOBO**, [S. l.], p. 1, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/jornais-tvs-sao-os-mais-confiaveis-na-hora-de-informar-sobre-coronavirus-aponta-datafolha-24322778>. Acesso em: 10 ago. 2020.

JORNAL NACIONAL SOBE TOM E BOLSONARO AO CITAR 100 MIL MORTES POR COVID. **UOL**, [S. l.], p. 1, 8 ago. 2020. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/jornal-nacional-sobe-o-tom-e-critica-bolsonaro-ao-citar-100-mil-mortes-por-covid-19-40526?cpid=txt>. Acesso em: 3 set. 2020.

JORNALISMO PROFISSIONAL GANHA FORÇA NA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS. **O GLOBO**, [S. l.], p. 1, 30 mar. 2020. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus-servico/jornalismo-profissional-ganha-forca-na-pandemia-de-coronavirus-24337628>. Acesso em: 8 jul. 2020.

LIMA, F.B.; PRIOLLI, G.; MACHADO, A. **Televisão & Vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 77p., 1985.

LISBOA, Silvia; BENETTI, Marcia. **O jornalismo como crença verdadeira justificada**. Brazilian Journalism Research (Online), v. 11, p. 10-29, 2015.

MACHADO, Caio C. et al. **Ciência Contaminada: Analisando o Contágio de Desinformação sobre Coronavírus via Youtube**. [S. l.]: Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo (LAUT), Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT.DD), e Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário (Cepedisa), 1 maio 2020. Disponível em: <https://laut.org.br/ciencia-contaminada.pdf> Acesso em: 15 ago. 2020.

MELLO, Patrícia Campos. **Canais de fake news sobre Covid-19 no YouTube são vistos quase 3 vezes mais que os de dados reais: Estudo mostra alcance de redes de teoria da conspiração e tratamentos médicos não comprovados**. Folha de S. Paulo, [S. l.], p. 1, 20 maio 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/canais-de-fake-news-sobre-covid-19-no-youtube-sao-vistos-quase-3-vezes-mais-que-os-de-dados-reais.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2020.

MONNERAT, Alessandra. Concessão da Rede Globo só vence em 2022; Bolsonaro não tem poder de tirar emissora do ar. **Estadão**, 15 abr. 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/concessao-da-rede-globo-so-vence-em-2022-bolsonaro-nao-tem-poder-de-tirar-emissora-do-ar/>. Acesso em: 5 jan. 2021

NITAHARA, Akemi. **OMS diz que cientistas precisam ajudar no combate à desinformação**. Agência Brasil, Rio de Janeiro, p. 1, 25 maio 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-05/oms-diz-que-cientistas-precisam-ajudar-no-combate-desinformacao>. Acesso em: 10 ago. 2020

RETRATO DA COVID-19: JN ANALISA OS DADOS SOBRE A PANDEMIA NO BRASIL. **G1**, 9 jul. 2020. Jornal Nacional, p. 1. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal->

nacional/noticia/2020/07/09/retrato-da-covid-19-jn-analisa-os-dados-sobre-a-pandemia-no-brasil.ghtml. Acesso em: 15 ago. 2020.

REZENDE, G. J. **Retrospectiva do Telejornalismo Brasileiro**. Comunicação Sociedade, v. 31, p. 35-50, 1999.

VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO FORMAM PARCERIA PARA DAR TRANSPARÊNCIA A DADOS DE COVID-19. **G1**, 8 jun. 2020. Política, p. 1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 15 ago. 2020

VICENTINI, Rodolfo. Glenn: Jornal Nacional atuava quase como parceiro de Moro e da Lava Jato. **UOL**, São Paulo, 29 ago. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/08/29/glenn-diz-que-jornal-nacional-atuava-como-parceiro-da-lava-jato.htm>. Acesso em: 10 out. 2020.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 5ª Ed, 1999. Lisboa: Presença.